

Rodolfo José Lourenço

“QUEM NOS SEPARARÁ DO AMOR DE CRISTO?” (RM 8,35)

ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE RM 8,28-39

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva

Apoio CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

Rodolfo José Lourenço

“QUEM NOS SEPARARÁ DO AMOR DE CRISTO?” (RM 8,35)

ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE RM 8,28-39

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

L892q Lourenço, Rodolfo José
“Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35): análise exegético-teológica de Rm 8,28-39 / Rodolfo José Lourenço. - Belo Horizonte, 2018.
75 p.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Bíblia. N.T. Romanos. 2. Paulo, Apóstolo, Santo. 3. Cristologia. I. Silva, Luís Henrique Eloy e. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 227

Rodolfo José Lourenço

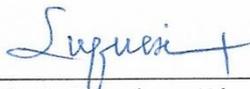
“QUEM NOS SEPARARÁ DO AMOR DE CRISTO?” (RM 8,35)

ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE RM 8,28-39

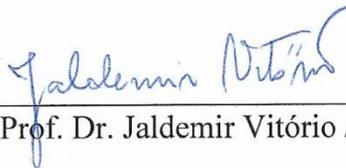
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 12 de setembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Jaldemir Vitório / FAJE



Prof.ª Dr.ª Zuleica Aparecida Silvano / FAJE

Pesquisa dedicada a todos que encontram sentido em Jesus Cristo e que com a vida testemunham a beleza desse novo horizonte hermenêutico, mesmo que o contexto ao redor não o possibilite ou não possua beleza alguma.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento vai a Deus, meu grande companheiro de viagem e professor de muitas lições valiosas. Obrigado por ter composto a melodia de minha vida até aqui.

Um imenso obrigado aos meus pais, João e Marinês, e à minha irmã, Ingrid, pois a certeza de seu apoio incondicional me faz dar passos adiante, a caminhos que nunca imaginei trilhar.

Agradeço ao meu orientador, prof. Luís Henrique, pela caminhada feita nos dois últimos anos e pela amizade que me norteia desde o primeiro ano de teologia. Sua leitura sempre atenta e suas contribuições oportunas foram essenciais para o aprimoramento desta pesquisa.

Meu muito obrigado também vai a cada amigo e amiga que me deu suporte nos últimos anos. Em especial, à Solange Maria do Carmo por sempre me fazer ver que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, a quem vai meu agradecimento.

Por fim, agradeço à FAJE pela trajetória feita no último biênio. Se na graduação em teologia aprendi o nome das ferramentas teológicas, aqui consegui assimilar como tirar vida em abundância de cada uma delas.

*“And we’ll recall when time runs out
That it only took a moment
To be loved a whole life long”
Michael Crawford*

RESUMO

O presente trabalho desenvolve uma análise exegética e teológica da perícopre Rm 8,28-39. Ao partir de uma pesquisa bibliográfica, procura-se compreender o que essas linhas têm a dizer para os cristãos que vivem a realidade do sofrimento em seu seguimento de Cristo. Com o objetivo de despertar a esperança em seus ouvintes contemporâneos e em si próprio, Paulo traz uma nova leitura da realidade a partir de Cristo que nos convida a abandonar o olhar externo que nos diz sermos ovelhas conduzidas à morte por causa daquele que escolhemos.

PALAVRAS-CHAVES: Paulo. Romanos. Rm 8,28-39. Cristologia. Antropologia.

ABSTRACT

This present work develops an exegetical and theological analysis of the pericope Rom 8:28-39. Starting from a bibliographical research, it tries to understand what these lines have to say for the Christians who live the reality of the suffering in their following of Christ. In order to arouse hope in his contemporary listeners and in himself, Paul brings a new reading of reality from Christ that invites us to abandon the external look that tells us to be driven sheep to death because of the one we choose.

KEY WORDS: Paul. Romans. Rm 8:28-39. Christology. Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 RM 8,28-39: <i>SITZ IM LEBEN E STATUS QUAESTIONIS</i> DA PERÍCOPE.....	14
1.1 Autoria.....	14
1.2 Contexto sociocultural em Roma	14
1.3 A intenção da Carta aos Romanos	16
1.4 Estado atual da pesquisa.....	19
1.4.1 Século XIX.....	19
1.4.2 Século XX	20
1.4.3 Século XXI.....	23
Conclusão	25
2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE RM 8,28-39	27
2.1 Delimitação.....	27
2.2 Tradução	29
2.3 Análise literária	32
2.3.1 Estrutura	33
2.3.2 Fontes.....	35
2.4 Análise semântica	36
2.4.1 O grupo dos cristãos e o grupo dos seus adversários	36
2.4.2 Elementos teológicos da perícópe.....	40
2.5 Análise retórica	41
Conclusão	43
3 RM 8, 28-39 E SEUS APORTES TEOLÓGICOS	44
3.1 Cristologia	45
3.2 Soteriologia.....	47
3.3 Antropologia	52
3.4 Eclesiologia.....	55
3.5 Escatologia.....	60
3.6 Olhares hermenêuticos derivantes da leitura	63
Conclusão	66

CONCLUSÃO.....68

REFERÊNCIAS71

INTRODUÇÃO

Apesar de estarmos temporalmente distantes das primeiras comunidades cristãs, ainda são perceptíveis os desafios de levar nosso testemunho de Cristo adiante, principalmente na atualização desse anúncio para os dias hodiernos. Nota-se uma maior exigência de dar razões sobre a fé e fundamentos dos princípios cristãos. Paralelamente, observa-se um crescimento na intolerância aos cristãos em países nos quais aqueles são minoria. De acordo com um relatório do Observatório AIS (Ajuda à Igreja que Sofre), publicado em 2012¹, 75% dos atos de perseguição são contra cristãos e, desde 1945, 10 milhões de cristãos imigraram por causa de perseguições. Um outro recente relatório, publicado pela VEJA² em 2016, 7.100 assassinatos de cristãos foram reportados em 2015. Não somente os cristãos, mas outras crenças religiosas, ao longo do século XX, sofreram ou continuam sofrendo perseguições e suas consequências.

Em outubro de 2017, o Observatório AIS fez nova publicação com o título “Perseguidos e esquecidos: Relatório sobre os cristãos oprimidos devido a sua fé entre 2015 e 2017”³. Ao analisar a situação de cristãos vivida na Síria, Egito, Nigéria, Iraque, Paquistão, Filipinas, Índia, Sudão, China e Eritreia, conclui-se que a taxa de perseguição, antes do período analisado, estava em declínio, mas vem aumentando desde 2015. Com o êxodo, algumas regiões cristãs correm o risco de não sobreviver.

No ano de 2016, aconteceram alguns ataques a cristãos após a Primavera Árabe. Em alguns fatos, os fiéis foram crucificados por pertencerem ao cristianismo. Que palavra poderíamos dizer para encontrar uma razão para tal realidade? Qual sentido poderia ser encontrado para animar essas pessoas para prosseguirem?

A Bíblia sempre se mostrou muito cuidadosa ao tratar temas como o sofrimento na vida do ser humano. Algumas vezes tentou encontrar uma origem para ele, colocando no próprio homem a razão de ele existir. Há razão para concordar com esse ponto de vista, já que a fome, a guerra, as perseguições etc. têm origem numa má relação entre os seres humanos. Outras vezes, afirma-se que não é bem assim que as coisas acontecem. Há certos casos em que o sofrimento bate à porta sem uma carta explicando o motivo de sua visita. O livro de Jó é paradigmático nessas duas formas de enxergar: os amigos de Jó e sua esposa são representantes

¹ Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/mundo/relatorio-ais-cristaos-sao-os-mais-discriminados-e-perseguidos-no-mundo_n595748>, acesso em 05 jun. 2018.

² Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/perseguiacao-a-cristaos-na-africa-e-oriente-medio-aumentou>>, acesso em 05 jun. 2018.

³ Disponível em: <https://www.fundacao-ais.pt/uploads/user_id_1/file/20171011172817_Perseguidos_Esquecidos_2017.pdf>, acesso em 05 jun. 2018.

do primeiro grupo (Jo 2,9; 4,8-9; 8,2-3; *passim*), enquanto o solitário Jó tenta se afirmar no segundo (Jo 6,2-3; 7,11; *passim*).

No Novo Testamento, Jesus faz a experiência de sofrer injustamente em todo o seu processo de julgamento. Antes mesmo de sua via sacra começar, no Monte das Oliveiras, ele começa a experimentar a solidão que toda experiência de sofrimento desperta na pessoa. Somos capazes de compartilhar profundamente a alegria alheia, mas não conseguimos nos fazer solidários com o outro em seu momento de dor. Por mais que tenhamos vivido algo parecido, a dor sempre se mostra como fato inédito para cada ser humano, por ter uma dimensão única. Contudo, o sentimento de se sentir isolado e separado dos que estão ao redor é sempre recorrente.

Quando a Igreja posterior declara que ele em tudo se fez humano igual a nós, o sofrimento ganha uma nova vertente. O que antes era visto como desumanizador, agora torna-se nova escola para o ser humano aprofundar seu próprio existir. Obtém-se uma nova ótica para enxergar essa realidade tão desafiadora a nós.

Paulo foi um grande teólogo do primeiro século e declara que passou por sofrimentos externos e internos, mas tudo foi momento para reafirmar seu desejo de prosseguir (2Cor 1,6). A Segunda Carta aos Coríntios, escrita no outono de 56⁴, é reconhecida como escrita num momento de grande dor ao apóstolo⁵, na qual até cita experiências de dificuldade (2Cor 1,8-9; 4,8-11; 11,23-30). Dessa forma, Paulo também sabe o que significa, concretamente, seguir a Cristo⁶.

A Carta aos Romanos tem sido um dos mais estudados documentos do Novo Testamento. É o escrito mais longo da literatura paulina e muitos teólogos atuais consideram-na a síntese teológica do pensamento de Paulo. Escrita provavelmente entre 57 e 58 a.C., na cidade de Corinto, está destinada a “todos os que são amados de Deus em Roma” (πᾶσιν τοῖς οὖσιν ἐν Ῥώμῃ ἀγαπητοῖς θεοῦ) (Rm 1,7). Paulo não se dirige à igreja de Roma porque ali não havia “uma comunidade cristã coesa com um único grande espaço de reunião”⁷.

Nela, o apóstolo dedica os capítulos de 5 a 8 para falar da vida nova que recebemos em Cristo após o batismo⁸. Essa nova realidade não altera *a priori* o nosso entorno, mas modifica a nossa forma de nos relacionar com ele. Ao término de sua explanação, nos versículos de 28 a 39 do capítulo oitavo, observa-se uma mudança no tom que conduz essas linhas. Paulo começa

⁴ SCHNELLE, 2010, p. 293.

⁵ *Idem*, 2010, p. 291.

⁶ *Id.*, 2010, p. 307.

⁷ *Id.*, 2010, p. 384.

⁸ *Id.*, 2010, p. 416.

a aproximar Deus ao fiel de tal forma que este se sinta amado pelas ações divinas a seu favor e encontre força para prosseguir, diante das adversidades, com a certeza de que nada pode separá-lo do amor de Deus. Além do mais, o autor não apresenta os cristãos como mero amados por Deus, mas eles são mais que vencedores.

Uma vez que o texto é tido por canônico, seu conteúdo ilumina a fé dos crentes ao longo de todos os séculos, sendo sempre revisitado para sua melhor assimilação. Destarte, o que a perícopes de Rm 8,28-39 tem a dizer para aqueles cristãos perseguidos no Norte africano ou no Oriente Médio? No que poderia ajudar na caminhada cristã que se depara com o sofrimento originado por várias dificuldades advindas de diversos fatores?

Ao partir de uma fundamentação bíblica, é significativo perceber como Paulo nos ajuda a compreender que o ponto de referência deve ser Cristo e que em Cristo somos mais que vencedores (Rm 8,37). Ao longo de Rm 8,28-39, são apontados elementos que iluminam realidades ainda presentes no cristianismo. Com a força que o verbo ὑπερνικάω apresenta, e sendo este o seu único uso em toda a Sagrada Escritura, vemos a necessidade de estudar esta compreensão paulina e seus desdobramentos cristológicos, antropológicos, soteriológicos, eclesiológicos e escatológicos. Para isso, traçamos o seguinte itinerário por meio de uma pesquisa desenvolvida bibliograficamente.

O primeiro capítulo parte do *Sitz im Leben* da comunidade romana, tendo em vista aquilo em que a perícopes em questão poderia ajudar os cristãos contemporâneos a Paulo e o próprio Apóstolo. Depois, visita alguns comentários bíblicos sobre a Carta aos Romanos, levantando o *status quaestionis* atual da perícopes, observando leituras e conclusões feitas até o momento.

A seguir, dedicamos o segundo capítulo à análise do texto, utilizando metodologias exegéticas, sincrônicas e diacrônicas. Submeter o texto a diferentes abordagens enriquece sua leitura. Afinal, de acordo com a finalidade de cada método, semânticas diversas da mesma paisagem são captadas.

Uma vez dados esses passos, o terceiro capítulo relaciona o conteúdo do aprofundamento precedente com alguns aportes teológicos de grandes temas paulinos. Após isso, ainda dedicam-se algumas linhas de atualização da pesquisa para os leitores hodiernos.

Logicamente, não pretendemos esgotar o assunto ou abordá-lo em sua completude, visto que nossa pesquisa bibliográfica é limitada. Não foram consultados textos em língua francesa ou alemã, pois o autor desta dissertação não domina a compreensão que a leitura nessas línguas exige. O acesso à essa literatura possibilitaria novos olhares ou aprofundamento dos temas aludidos devido à grande produção teológica nesses idiomas.

Comprendemos que um aprofundamento da perícópe tenha muito a nos dizer atualmente, tal como aos destinatários da Carta aos Romanos. Assim, esperamos que a leitura destas páginas seja tão frutuosa quanto o foi sua escrita e pesquisa.

1 RM 8,28-39: *SITZ IM LEBEN E STATUS QUAESTIONIS* DA PERÍCOPE

Este primeiro capítulo destina-se a encontrar no texto elementos que permitam contemplarmos o contexto vital do autor e dos leitores destinatários da Carta aos Romanos. Uma vez feito isso, sondaremos o que tem sido escrito acerca do texto abordado nesta pesquisa. Optamos pela ordem cronológica para acompanharmos o desenvolvimento do pensamento. Sabemos que não foram contempladas todas as obras a respeito da Carta aos Romanos, principalmente aquelas de origem alemã ou francesa que não foram ainda traduzidas. Contudo, foram consultados os principais autores em línguas portuguesa, inglesa, espanhola e italiana.

1.1 Autoria

Paulo foi o autor da Carta dos Romanos, mas certamente não foi seu escritor, pois o versículo 21 do capítulo 16 apresenta Tércio como o escritor¹. Tal informação pode fazer certa confusão no leitor atual, uma vez que em nossos tempos escritor e autor são praticamente a mesma pessoa. Contudo, na época de Paulo, devido à qualidade do material utilizado, era muito comum autores (portadores das ideias a serem transmitidas) contratarem secretários, utilizando um termo atual, para redigirem mais rapidamente seus escritos². Jewett relembra que não haveria razão para se identificar se ele não fosse um conhecido da comunidade romana³, opinião partilhada por outros pesquisadores. Esse autor ainda declara que Febe (Rm 16,2) também teria certa influência naquela comunidade, concluindo que esses dois personagens estariam envolvidos na criação, na entrega⁴, na leitura pública e na sua explicação no ano de 57 d.C.⁵.

1.2 Contexto sociocultural em Roma

A comunidade judaica em Roma tem “o primeiro testemunho histórico a respeito de sua existência em Roma remonta a 139 a.C.”⁶. Ganha grande reforço em número após a conquista de Jerusalém por Pompeu, em 63 a.C., que levou dessa cidade muitos escravos à capital do Império⁷. Após alguns anos, muitos deles tornaram-se cidadãos romanos livres e, durante a

¹ JEWETT, 2007, p. 22

² *Idem*, 2007, p. 22.

³ *Id.*, 2007, p. 23.

⁴ Schnelle aponta Febe como única e provável portadora da carta à Roma (SCHNELLE, 2010, p. 384).

⁵ JEWETT, 2007, p. 23.

⁶ BARBAGLIO, 1991, p. 117.

⁷ JEWETT, 2007, p. 55.

década de 50 no I século, os judeus em Roma podem ter chegado ao número entre 15 mil a 60 mil⁸. Apesar de serem vítimas de uma “judeofobia”⁹, seus direitos eram reconhecidos pelo Império¹⁰.

Embora o termo sinagoga esteja mais para as pessoas se reunirem que a localização de um edifício¹¹, ao menos 11 lugares¹² puderam ser achados pela arqueologia como locais de encontros dos judeus. Desta forma, os hebreus de Roma não estavam agrupados numa única comunidade¹³. Essas sinagogas viviam certos conflitos entre si e isso atraiu a atenção das autoridades romanas¹⁴. Uma dessas controvérsias deu origem aos eventos que culminaram na expulsão de líderes judeus e judeu-cristãos da cidade de Roma, em 49 d.C., conhecido por edito de Cláudio¹⁵. Alguns pesquisadores afirmam que esse é o motivo de Priscila e Áquila terem saído da capital do Império¹⁶ e encontrado Paulo (At 18,2) em Éfeso¹⁷. Essa linha explicaria a razão de haver tantos convertidos ao cristianismo provindos do mundo gentílico quando Paulo escreve sua carta¹⁸. O fato de cristãos serem mencionados em 49 d.C. e em outro evento por volta de 41 a.C. faz-nos compreender que a comunidade cristã já se encontrava bem difundida¹⁹ na cidade do Lácio, antes mesmo de Paulo enviar-lhes seu escrito²⁰. Udo Schnelle afirma que possivelmente as consequências do edito impediram uma aproximação anterior por parte de Paulo à comunidade romana²¹.

Após a morte do imperador Cláudio, em 54 d.C., sucedido por Nero²², muitos dos líderes exilados retornaram às suas comunidades²³, mas logo perceberam que não eram mais bem-vindos como líderes daquelas pessoas²⁴. O afastamento das sinagogas deu origem a várias comunidades cristãs em outras casas, “composta apenas por gentio-cristãos”²⁵. Os fiéis que não tinham origem judaica foram os únicos representantes do cristianismo em Roma durante o

⁸ JEWETT, 2007, p. 55.

⁹ BARBAGLIO, 1991, p. 117.

¹⁰ JEWETT, 2007, p. 56.

¹¹ PENNA, 1991, p. 43.

¹² Para ler os onze nomes: *Idem*, 1991, p. 43-44.

¹³ *Id.*, 1991, p. 42.

¹⁴ JEWETT, 2007, p. 58.

¹⁵ *Idem*, 2007, p. 58.

¹⁶ BARBAGLIO, 1991, p. 118.

¹⁷ JEWETT, 2007, p. 59.

¹⁸ *Idem*, 2007, p. 59.

¹⁹ PENNA, 2013, p. 25.

²⁰ JEWETT, 2007, p. 60.

²¹ SCHNELLE, 2010, p. 383.

²² BARBAGLIO, 1991, p. 118.

²³ MAARTENS, 1995, p. 1063.

²⁴ JEWETT, 2007, p. 59.

²⁵ BARBAGLIO, 1991, p. 118.

período anterior o ano 54²⁶. Assim, o edito “deixou claro para a jovem comunidade cristã que ela precisava encontrar seu caminho no campo de tensão entre sinagoga e autoridades romanas”²⁷.

1.3 A intenção da Carta aos Romanos

A atividade apostólica de Paulo consistia em duas fases: uma começava com a evangelização e terminava na fundação de uma comunidade cristã naquele local, já a segunda tratava da orientação dessas comunidades fundadas²⁸. Essa última podia se realizar por meio de visitas de Paulo, por visitas de seus colaboradores, por palavra de Paulo a seus emissários às comunidades e por meio de cartas²⁹. Destarte, podemos concordar com Mauro Pesce quando afirma que “as epístolas [...] não são evangelização [...] tampouco a totalidade da segunda fase da atividade apostólica paulina, mas apenas segmentos dela”³⁰. Sendo assim, o segundo momento precisa da hermenêutica apresentada no primeiro para poder ser melhor compreendida, mas não temos acesso a esse momento anterior porque não foi posto por escrito³¹. Então, como interpretar Paulo aos romanos se não houve essa primeira fase com o apóstolo naquela comunidade?

Internamente à Carta aos Romanos, no capítulo 15, encontramos algumas notas do próprio Apóstolo sobre sua missão até então. Ele lembra a seus ouvintes sua atividade missionária de Jerusalém até Ilíria, sempre evitando semear onde outros apóstolos ou missionários cristãos tivessem já pregado (15,19-21). Também declara que esse é o motivo de até aquele momento não ter alcançado os irmãos de Roma (15,22). Ainda nesse versículo, “muitas vezes” (τὰ πολλά) designa um desejo constante a Paulo, mas que somente agora consegue concretizá-lo, objeto posto explicitamente no v. 24: “e tendo o desejo de ter com você após muitos anos” (ἐπιποθίαν δὲ ἔχων τοῦ ἐλθεῖν πρὸς ὑμᾶς ἀπὸ πολλῶν ἐτῶν). Paulo considera sua missão na região, delimitada no v. 19, terminada e agora avança para uma nova área: a Espanha (vv. 23-24), desejando ser encaminhado para lá pela comunidade romana (v. 24)³². O verbo προπέμπω (encaminhar/acompanhar) também é utilizado em 2Cor 1,16 e pode significar

²⁶ MURPHY-O’CONNOR, 2004, p. 336.

²⁷ SCHNELLE, 2010, p. 383.

²⁸ PESCE, 1996, p. 246.

²⁹ *Idem*, 1996, p. 246.

³⁰ *Id.*, 1996, p. 246.

³¹ *Id.*, 1996, p. 246.

³² SCHNELLE, 2010, p. 384.

tanto encaminhar/acompanhar o missionário por meio de orações e bons desejo³³ ou até mesmo por dar provisão para a jornada³⁴. Quaisquer significados que προπέμω assume, o desejo de Paulo por um suporte é natural, visto que está indo para uma terra nova³⁵.

A pesquisa atual envereda por dois caminhos para encontrar um motivo de Paulo ter alcançado a comunidade de Roma: a capital como trampolim para chegar à Espanha ou o apoio dos romanos para que Jerusalém aceite a coleta feita por Paulo.

Günter Klein aponta a tensão paulina entre sua intenção em anunciar a uma comunidade não fundada por ele e entre seu desejo de não interferir nessas comunidades³⁶. Ele sustenta o argumento de Paulo ter escrito por considerar a comunidade romana como não tendo origem apostólica, logo um terreno aberto para sua ação missionária.³⁷ Assim, não seria o desejo de um suporte da comunidade à sua intenção de chegar à Espanha, o limite do mundo conhecido³⁸, ou de uma intervenção aos problemas entre os fracos e fortes, em Roma, que motivaram a escrita. Ao levar em conta o capítulo 16, Ann Jervis afirma que o desejo de Paulo era o de dar uma origem apostólica àquela comunidade romana, devido à sua posição estratégica para conseguir chegar à Espanha³⁹.

Outros pesquisadores não acreditam numa relação entre Espanha ou origem apostólica como elementos que deram luz à carta. Eles partem do desejo de que a coleta provinda dos cristãos gentios seja aceita pela comunidade de Jerusalém⁴⁰. Destarte, todo o discurso encontrado na Carta aos Romanos é o conteúdo que Paulo deseja expressar diante da comunidade hierosolimitana. Assim, o apóstolo pede apoio, solidariedade e intercessão dos romanos em sua tarefa⁴¹.

Nesta pesquisa seguimos a primeira linha, mas desejamos apresentar um complemento que a segunda alternativa comporta, ou seja, a situação de Paulo prestes a partir para Jerusalém⁴². Ele está ciente de um perigo por parte dos incrédulos (15,31), judeus que não aceitaram Cristo⁴³, naquela cidade para consigo⁴⁴. Esse perigo também provém daqueles

³³ KASEMANN, 1990, p. 398.

³⁴ SCHNELLE, 2010, p. 385.

³⁵ MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 332-333.

³⁶ KLEIN, 1991, p. 32 *apud* JEWETT, 2007, p. 82.

³⁷ KLEIN, 1991, p. 39 *apud* JEWETT, 2007, p. 82.

³⁸ O cabo de São Vicente, na costa ocidental espanhola, era considerado o ponto extremo do mundo (MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 333-334).

³⁹ JERVIS, 1947, p. 85 *apud* JEWETT, 2007, p. 82.

⁴⁰ JEWETT, 2007, p. 83.

⁴¹ JEWETT, 2007, p. 83; MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 332..

⁴² SCHNELLE, 2010, p. 385.

⁴³ MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 345.

⁴⁴ KASEMANN, 1990, p. 406.

cristãos que habitam a cidade, pois podem não aceitar a oferta que o apóstolo traz (15,31). Ou seja, Paulo encontra-se numa encruzilhada ao pôr os pés em Jerusalém: da parte dos judeus, por provavelmente o enxergarem como um que abandonou a fé de seus pais⁴⁵, e da parte dos cristãos, por não estarem de acordo com sua atividade missionária depois do incidente de Antioquia⁴⁶. Dentre esses, a negação da coleta parece ser o que mais preocupa Paulo, visto que a menciona nos versículos 26-28 e no 31. Destarte, a oferta não é mera demonstração de amor aos pobres, mas da unidade da Igreja⁴⁷. Jerome Murphy-O'Connor, ao abordar essas duas linhas sobre o Apóstolo, diz que a primeira era uma suposição, um medo exclusivamente subjetivo, enquanto a segunda está fundamentada na própria experiência missionária de Paulo⁴⁸.

Com o que foi exposto no último parágrafo, a Carta aos Romanos não é somente uma tentativa para a comunidade daquela cidade acolher Paulo. Ela também comporta uma síntese do pensamento paulino para sua ação pastoral⁴⁹, o que lhe confere uma universalidade em seus conteúdos⁵⁰. Esse último dado não significa que Paulo ignora a situação vital dos cristãos romanos para a seleção dos conteúdos transmitidos. Ele soma-lhe a sua experiência ao longo dos anos desde o seu encontro com Jesus⁵¹. O uso da diatribe possibilita o apóstolo “dialogar” com a comunidade romana sem um conhecimento detalhado dela⁵².

Em relação à perícopé abordada nesta dissertação, as linhas estudadas partem da comunidade de Roma e da situação de Paulo antes de partir para Jerusalém, mas ciente das dificuldades que isso comporta. Como nosso trecho é visto como conclusão dos capítulos 5–8, nos quais fala-se do agir cristão na vida nova que lhe é oferecida, os temas aprofundados no capítulo 3 desta pesquisa têm relevância para uma comunidade que passou por dificuldades (Edito de Cláudio e suas consequências) e a um cristão que tem um horizonte incerto por parte de sua nação e de seus irmãos na fé.

⁴⁵ KASEMANN, 1990, p. 407.

⁴⁶ *Idem*, 1990, p. 406.

⁴⁷ *Id.*, 1990, p. 407; SCHNELLE, 2010, p. 385.

⁴⁸ MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 346-348.

⁴⁹ SCHNELLE, 2010, p. 385.

⁵⁰ MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 328.

⁵¹ SCHNELLE, 2010, p. 389.

⁵² MURPHY-O'CONNOR, 2004, p. 337.

1.4 Estado atual da pesquisa

Dos comentários abaixo listados, muitos trabalham o término do capítulo 8 apenas como conclusão, abordando de forma mais consistente o termo “predestinar” e/ou a citação do Sl 44 com a ideia de sermos mais que vencedores. Esta pesquisa mostrará o quão mais essas linhas paulinas podem oferecer ao leitor além dessas duas temáticas. Quando a obra constrói alguma novidade, esta será apresentada na análise. Sabemos que essa nova contribuição pode não ter surgido necessariamente na obra ou pelo autor indicado. Assim, ao não encontrar uma indicação de origem diversa na listagem a seguir, entenda-se que a partir daquele ano/estudo determinada forma de compreender o texto foi desenvolvida.

Uma outra pontuação ainda se faz pertinente: a apresentação, muitas vezes, está orientada pela organização dos versículos 28-30 e 31-39. Mesmo que esta dissertação não foque na apresentação de uma nova estrutura, optamos por também observar como os vv. 28-30 são abordados: de forma independente, em dependência aos vv. 18-27 ou aos vv. 31-39?

Como não desejamos percorrer toda a Carta aos Romanos, o presente capítulo limita-se ao *status quaestionis* na forma como os exegetas e comentadores apresentam o trecho de 8,28-39 e organizam a seção em que se encontra.

1.4.1 Século XIX

John Forbes, em seu comentário analítico à Carta aos Romanos, publicado originalmente em 1868, aborda capítulo por capítulo da epístola, fazendo uma seção entre os capítulos 5 e 8⁵³. Assim, ele intitula de “o amor de Deus” a perícopes encontrada em 8,28-39⁵⁴, afirmando que vemos ilustrados o amor de Deus para os cristãos e o amor dos cristãos para Deus⁵⁵. Forbes escreve que a linha condutora dessa perícopes é o nosso amor para Cristo que corre perigo de se perder, por causa das experiências cotidianas que podem, superficialmente, ser contraditórias⁵⁶.

Encontramos no trabalho publicado em 1875, de Moses E. Lard, a tendência de manter como uma seção os capítulos de 6 a 8 da Carta aos Romanos, diferente daquela apresentada por Forbes, concluindo que o capítulo 8 é o fechamento de toda a seção⁵⁷. Lard apresenta a

⁵³ FORBES, 1868, p. 333-335.

⁵⁴ *Idem*, 1868, p. 330-333.

⁵⁵ *Id.*, 1868, p. 330.

⁵⁶ *Id.*, 1868, p. 332.

⁵⁷ LARD, 1875, p. 246.

delimitação de nossos versículos em 8,28-30, desejando perscrutar o que levaria Paulo a escrever essas linhas tão independentes⁵⁸, e em 8,31-39, dizendo que os problemas não podem nos separar do amor de Cristo⁵⁹.

Treze anos depois, em 1898, os professores William Sanday e Arthur Headlam publicam seu comentário crítico e exegético, cuja quinta edição é de 1902, versão de que dispomos. Apresenta os versículos que compõem nossa pesquisa em duas partes: vv. 28-30, o processo crescente de salvação⁶⁰, e vv. 31-39, as provas e a segurança do amor divino⁶¹.

Charles Marsh Mead elabora análises doutrinal, linguística e histórica para comprovar que Paulo não é o escritor da Carta aos Romanos⁶², e, sim, pelo menos quatro autores⁶³, sendo eles G¹, G², JC e CJ⁶⁴, que posteriormente foram postos juntos por um redator. Nossa perícope, aqui apresentada como 8,1-39, é atribuída ao quarto autor⁶⁵, CJ, para quem a união com Cristo em sua vida espiritual é o ponto central de toda a seção⁶⁶.

1.4.2 Século XX

Em 1912, John Parry, professor do Trinity College, critica pesquisadores como Mead, que se apoiam em métodos arbitrários e subjetivos⁶⁷. Também trabalha o capítulo oitavo como parte da seção iniciada no capítulo 5. Entretanto, a nossa perícope apresenta uma separação ímpar: vv. 26-30: a presença do Espírito que ajuda tudo a concorrer para o bem, e vv. 31-39: nada pode nos separar do amor de Cristo⁶⁸.

Sete anos depois, Karl Barth publica sua análise à Carta aos Romanos, observando e comentando cada capítulo e lhes dando nomes. Chama de “o Espírito” o capítulo 8, e aqui encontramos uma delimitação de perícope igual à que propomos: 8,28-39, “o amor”⁶⁹. A sua escolha se ampara no uso do verbo amar (v. 28) e no substantivo amor (v. 39) como as lentes

⁵⁸ LARD, 1875, p. 279.

⁵⁹ *Id.*, 1875, p. 289.

⁶⁰ SANDAY, HEADLAM, 1902, p. 214.

⁶¹ *Idem*, 1902, p. 219.

⁶² MEAD, 1891, p. 7.

⁶³ *Idem*, 1891, p. 8.

⁶⁴ A letra “G” é usada para designar o grupo de textos em que o nome Jesus não é mencionado, mas somente Deus (*God*, em inglês). Enquanto “JC” e “CJ” indicam os autores que usam “Jesus Cristo” e “Cristo Jesus” (*Id.*, 1891, p. 10-11).

⁶⁵ MEAD, 1891, p. 12.

⁶⁶ *Idem*, 1891, p. 33.

⁶⁷ PARRY, 1921, p. ix.

⁶⁸ *Idem*, 1921, p. xxxii.

⁶⁹ BARTH, 2002, p. 385-397.

principais para ler o texto, entendendo toda a dinamicidade que comporta ser sujeito e ser objeto de tal sentimento.

John Murray, com a publicação de sua obra em 1960, também faz uma segunda seção da parte doutrinal da carta, delimitando do capítulo 6 ao 8⁷⁰. Curiosamente, ele reconhece que os versículos 28-30 funcionam como uma ponte entre 8,18-17 e 8,31-39⁷¹.

No ano de 1978, Ulrich Wilckens publica seu livro e segue a delimitação de Murray para os capítulos 6-8⁷², e divide o texto em 8,18-30 e 8,31-39, sendo, respectivamente, intitulados de “o sofrimento na esperança”⁷³ e de “o canto de vitória dos cristãos”⁷⁴.

Em 1979, o alemão Heinrich Schlier traz ao público seu comentário sobre essa carta paulina. Considera uma segunda seção da carta os capítulos 5–8, dividindo nossa perícope de estudo entre os versículos 18-30, nomeando-os de “o desejo de todos à glória”⁷⁵, e 31-39, “o amor de Deus em Jesus Cristo supera qualquer coisa”⁷⁶. Contudo, reconhece, em sua organização, que os versículos 28-30 têm certa coesão temática⁷⁷.

No ano de 1980, Charles E. B. Cranfield está de acordo com os outros pesquisadores ao dizer que 8,28-39 está situado na parte que trata da vida prometida àqueles que são justos pela fé⁷⁸, que abrange do capítulo 5 até o 8. Também está de acordo em dividir 8,28-39 em duas perícopes, sendo a primeira de Rm 8,17-30⁷⁹ e a segunda de Rm 8,31-39⁸⁰.

Ainda em 1980, temos a obra de Ernst Käsemann. Acerca do texto de nossa pesquisa, o autor apresenta-o dentro da seção de 5–8⁸¹ e o divide em 8,18-30: estar no Espírito como permanecer na Esperança⁸², e em 8,31-39: estar no Espírito como a realidade de vitória⁸³.

Em 1983, Anders Nygren publica seu comentário à Carta. Ele secciona os capítulos 5-8, intitulando-o “Aquele que pela fé é justo deve viver”⁸⁴. Contudo, nossa perícope é dividida de acordo com sua análise de 8,18-30 (O sofrimento do presente éon e a glória do futuro éon) e de 8,31-39 (Vitória por meio do amor de Cristo)⁸⁵.

⁷⁰ MURRAY, 1993, p. xxiv-xxv.

⁷¹ *Idem*, 1993, p. 313.

⁷² WILCKENS, 1992, p. 13.

⁷³ *Idem*, 1992, p. 180.

⁷⁴ *Id.*, 1992, p. 209.

⁷⁵ SCHLIER, 1982, p. 423.

⁷⁶ *Idem*, 1982, p. 452.

⁷⁷ *Id.*, 1982, p. 440.

⁷⁸ CRANFIELD, 1980, p. 252-444.

⁷⁹ *Idem*, 1980, p. 403-433.

⁸⁰ *Id.*, 1980, p. 434-444.

⁸¹ KÄSEMANN, 1990, p. 131.

⁸² *Idem*, 1990, p. 229-245.

⁸³ *Id.*, 1990, p. 245-252.

⁸⁴ NYGREN, 1983, p. 187.

⁸⁵ *Idem*, 1983, p. 329-349.

James D. G. Dunn apresenta os versículos do capítulo 8 dentro de uma terceira parte da Carta, nomeando-a como o desdobramento do evangelho em relação ao indivíduo⁸⁶. Contudo, não engloba o capítulo 5, mas parte do 6 até o fim do 8. Em sua divisão, secciona 8,18-30 como uma unidade textual e 8,31-39 como outra.

Giuseppe Barbaglio, em seu comentário à Carta aos Romanos, situa nossa perícopes na segunda seção da parte dogmática da carta⁸⁷, sendo do capítulo 5 ao 8, e a divide em duas partes: 8,14-30: “Vida de filhos de Deus em virtude do Espírito”⁸⁸, e 8,31-39: “Canto triunfal dos fiéis”⁸⁹. Esse autor apresenta alguns versículos a mais, não começando com o v. 18, mas com o v. 14, justificando que este tem a tese teológica que perpassa toda a perícopes: todos os que são conduzidos pelo Espírito são filhos de Deus⁹⁰.

Ainda no ano de 1991, Frank Thielman publica um artigo no qual demonstra a conexão entre os capítulos 5–8 de Romanos com a história de Israel. Para o comentário a Rm 8,28-39, dedica algumas linhas à abordagem da citação do Salmo 44(43), colocando-o como criação pós-exílica, encontrada no v. 35. O salmista reconhece a tensão existente quando Israel é restaurado, mostrando que o relacionamento com Deus é inquebrável e que isso se manifesta no sofrimento ainda presente⁹¹.

P. J. Maartens publica seu artigo, em 1995, sobre a vindicação do justo em Rm 8,31-39. Partindo de textos do Antigo Testamento que abordam o sofrimento do justo⁹² e das relações sociosemióticas⁹³ em Romanos, conclui que a vindicação e a exaltação na perícopes estão amparadas por uma estrutura sobre o sofrimento encontrada no Antigo Testamento (Is 52,13–53,12). Embora os vv. 28-30 não sejam escopo de seu texto, o pesquisador reconhece que são essenciais para contextualizar as linhas seguintes do capítulo oitavo⁹⁴.

Já em 1996, Douglas J. Moo publica seu comentário, colocando os versículos estudados nesta dissertação como conclusão da seção de 5–8: a esperança da salvação⁹⁵. Nossa perícopes aparece dividida e intitulada em 8,18-30: o Espírito de glória⁹⁶ e 8,31-39: a celebração da segurança dos fiéis⁹⁷.

⁸⁶ DUNN, 1988, p. 301-357.

⁸⁷ BARBAGLIO, 1991, p. 125.

⁸⁸ *Idem*, 1991, p. 248.

⁸⁹ *Id.*, 1991, p. 256.

⁹⁰ *Id.*, 1991, p. 250.

⁹¹ THIELMAN, 1991, p. 194.

⁹² MAARTENS, 1995, p. 1053.

⁹³ *Idem*, 1995, p. 1063.

⁹⁴ *Id.*, 1995, p. 1058-1059.

⁹⁵ MOO, 1996, p. 290.

⁹⁶ *Idem*, 1996, p. 506-537.

⁹⁷ *Id.*, 1996, p. 537-547.

1.4.3 Século XXI

Robert Jewett insere Rm 8,28-39 na segunda parte da *argumentatio*, nomeada como a vida em Cristo, novo sistema de honra que substitui a busca por um *status* pela conformidade à Lei⁹⁸. Contudo, sua delimitação é 8,18-30, o sofrimento esperançoso das crianças de Deus⁹⁹, e 8,31-39, conclusão sobre o *status* de eleitos baseado no amor divino¹⁰⁰.

Saúl Nicolás Duque escreveu artigo em 2009 trazendo contribuições da análise retórico-literária aos versículos 31-39 do capítulo 8. Ao apresentar a *dispositio* da carta, ele situa o capítulo oitavo na seção dos capítulos 5-8¹⁰¹ e ainda traz uma proposta de organização do oitavo capítulo, considerando os versículos 28-30 uma *peroratio* desse, enquanto os 31-39 seriam a conclusão de toda a seção¹⁰².

No ano seguinte, Frank Matera dá sua colaboração aos estudos da Carta aos Romanos. Seu comentário ao capítulo 8 não possui títulos. Os vv. 28-30 concluem o pensamento de 8,18-27, sobre o Espírito Santo e o cristão, enquanto os vv. 31-39 concluem toda a seção dos capítulos 5-8, sobre Jesus e seus fiéis¹⁰³.

Em 2011, foi publicado o comentário de Herman C. Waetjen. Esse autor também segue o que a maioria dos pesquisadores indica: separa os versículos de 17-30 dos vv.31-39. Naqueles aborda o tema da obrigação de libertar a criação por parte dos homens¹⁰⁴, enquanto nestes fala da não possibilidade de separar o homem do amor de Deus¹⁰⁵.

Nesse mesmo ano, Arland Hultgren comenta a epístola paulina, optando pela divisão clássica do texto: vv. 18-30, nomeados como redenção cósmica¹⁰⁶, e vv. 31-39, a confiança no amor de Deus em Cristo¹⁰⁷. Para ele, abordar os versículos finais do capítulo 8 como mero hino de explorar toda a riqueza que contém. Logo, melhor seria nomeá-los como passagem que comporta elementos litúrgicos, hínicos e confessionais¹⁰⁸.

No comentário exegético ao texto grego, Samuel Pérez Millos nomeia o capítulo 8 como assuntos sobre a ordem do poder do Espírito¹⁰⁹. Nossa perícopes tende é dividida em duas partes:

⁹⁸ JEWETT, 2007, p. 344.

⁹⁹ *Idem*, 2007, p. 504-530.

¹⁰⁰ *Id.*, 2007, p. 531-554.

¹⁰¹ DUQUE, 2009, p. 401.

¹⁰² *Idem*, 2009, p. 402.

¹⁰³ MATERA, 2010, p. 203-208.

¹⁰⁴ WATJEN, 2011, p. 213.

¹⁰⁵ *Idem*, 2011, p. 223.

¹⁰⁶ HULTGREN, 2011, p. 319.

¹⁰⁷ *Idem*, 2011, p. 334.

¹⁰⁸ *Id.*, 2011, p. 335.

¹⁰⁹ MILLOS, 2011, p. 569.

a primeira corresponde aos versículos 28-30 e trata sobre a glória que será manifestada¹¹⁰; a segunda, aos versículos 31-39, é um hino de segurança e louvor¹¹¹.

Jean-Noël Aletti escreve uma chave de leitura à Carta aos Romanos em 2011. Nas quatro páginas destinadas ao capítulo 8, que seria o ponto de chegada de toda argumentação desde o capítulo 5¹¹², duas são dedicadas à nossa perícopes. Novamente, ela é considerada bipartidária, sendo os vv. 28-30 parte do bloco iniciado no v. 18¹¹³, enquanto o restante funciona como peroração composta por dois elementos: amplificação e recapitulação¹¹⁴.

Mais um comentário é publicado em 2012, com a autoria de Xavier Santamaría. Sua análise está próxima da proposta de Matera, ao afirmar que os vv. 28-30 concluem o raciocínio sobre a redenção cósmica e a esperança cristã, tratados nos vv. 18-27¹¹⁵, enquanto os vv. 31-39, o hino ao amor de Deus e fundamento da vida cristã, fecham o grande discurso de Rm 5–8. Sua obra não apresenta passos exegéticos, apenas a hermenêutica dos textos, mostrando uma destinação mais pastoral que acadêmica.

Um artigo publicado em 2013 chama nossa atenção. Nele, Philip Ziegler considera os vv. 31-39 testemunhos do amor de Deus como algo soberano. Seu artigo apresenta estas conclusões: o serviço de Cristo é exercido não só por consequência de sua exaltação, mas também pelo seu rebaixamento (Mistério Pascal)¹¹⁶; o reino de Cristo é uma realidade escatológica que já pervade o nosso tempo; a importância de se enfatizar o comum sacerdócio dos féis¹¹⁷; a vida cristã cruciforme e livre anuncia o senhorio escatológico de Cristo¹¹⁸.

Romano Penna, em seu comentário, nomeia a seção Rm 6,1–8,39 de o batizado como inserido em Cristo e guiado pelo Espírito¹¹⁹. Sua proposta de aborda Rm 8,18-39 como um todo, nomeando-a: o cristão orientado para o futuro escatológico. Internamente, secciona em Rm 8,18-30 e em uma *peroratio* da primeira parte de Romanos, iniciada em Rm 1,16-17, sobre os feitos de Deus em Cristo, em Rm 8,31-39¹²⁰.

Brent Kruger, em sua tese de doutorado sobre a teodiceia paulina encontrada em Rm 8,18-39, situa essa perícopes numa seção entre os capítulos 5–8, na qual Paulo descreve a nova

¹¹⁰ MILLOS, 2011, p. 652-665.

¹¹¹ *Idem*, 2011, p. 665-688.

¹¹² ALETTI, 2011, p. 81.

¹¹³ *Idem*, 2011, p. 84-85.

¹¹⁴ *Id.*, 2011, p. 85.

¹¹⁵ SANTAMARÍA, 2012, p. 237.

¹¹⁶ ZIEGLER, 2013, p. 128.

¹¹⁷ *Idem*, 2013, p. 129.

¹¹⁸ *Id.*, 2013, p. 130.

¹¹⁹ PENNA, 2013, p. 475.

¹²⁰ *Idem*, 2013, p. 636-694.

vida dos justificados pela fé¹²¹. Embora já sejam justificados, os fiéis ainda fazem a experiência do sofrimento em suas vidas¹²². Por isso, o seu recorte tenta oferecer uma resposta a essa pergunta. Sua perícopes é maior do que aquela proposta em nossa pesquisa. Contudo, sua divisão interna acaba corroborando nossa delimitação, pois divide os vv. 28-30 (teodiceia à luz do plano de Deus) e os vv. 31-39 (teodiceia em termos da confissão paulina na vitória de Deus) dos vv. 18-27.

Conclusão

Havia dificuldades concretas no contexto e no horizonte da comunidade de Roma e do próprio apóstolo. Contudo, Paulo descobre em sua experiência com Cristo uma nova hermenêutica para encontrar nelas um sentido mais profundo que o impulsionasse a partilhar essa experiência com os fiéis. Tal exercício ainda é significativo para os leitores/ouvintes de Paulo nos dias atuais.

Após essa análise de como o nosso objeto de estudo foi abordado, acreditamos que podemos fazer algumas conclusões sobre a organização, como foi trabalhado e os temas levantados.

Com relação ao primeiro ponto, não há uma uniformidade dos autores aqui apresentados quanto à divisão. Apenas dois estão de acordo com nossa linha de delimitação: Forbes e Barth. Todavia, com a exceção daqueles dois, pode-se notar uma tendência muito forte a enxergar os vv. 31-39 como conclusão da segunda seção da Carta aos Romanos. A problemática está nos vv. 28-30, pois alguns propõem que eles devem ser lidos juntamente com os vv. 18-27, enquanto outros autores falam de sua independência, devendo ser uma delimitação a parte dos vv. 18-27 e vv. 31-39.

O fato de os trechos de 28-30 e 31-39 serem considerados conclusões por muitos pesquisadores acaba por empobrecer a forma como o texto é olhado. Em muitos, a palavra *peroratio* vira sinônimo de resumo, e só se abordam os temas que se sobressaem e não apareceram no corpo do desenvolvimento da seção. Na nossa perícopes, a palavra “predestinar” e a expressão “separar do amor de Cristo” acabam ganhando grande destaque, mas quase sempre não são vistas no contexto da *peroratio* de Rm 5–8 e em relação com as outras palavras

¹²¹ KRUGER, 2013, p. 9.

¹²² *Idem*, 2013, p. 10.

que a compõem. Aliás, os comentários recentes têm feito um trabalho mais aprofundado nessa conclusão de seção, não a encarando apenas como síntese.

Em relação aos temas, quando se faz a divisão em vv. 18-30 e vv. 31-39, quase sempre acaba-se no binômio alegria para este e tristeza/sofrimento e/ou esperança para aquela. Além disso, concordamos com Hultgren ao dizer que chamar o fim da seção de mero “hino” facilita sua compreensão, mas acaba não abarcando toda a riqueza que o trecho traz.

Depois de percorrermos esse horizonte de delimitação e hermenêutica, nossa pesquisa avança aos passos exegéticos para assimilar o que, além de um simples canto, a perícopes tem a nos oferecer.

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE RM 8,28-39

Os garimpeiros entram nos rios com suas peneiras e possuem uma para cada tipo de pedra que desejam achar. Não quer dizer que encontrarão naquele ponto exato onde estão a pedra que procuram, mas sabem que precisam de um material específico para examinar o mesmo ponto do rio. Este capítulo dedica-se a “garimpar” o texto que trabalharemos e ver quais “pedras preciosas” podemos encontrar para nos ajudar em nossa análise.

Nosso primeiro passo será delimitar de e até qual ponto faremos a busca no imenso rio da Carta aos Romanos, através de fatores internos e externos à perícope. A seguir, passaremos pela crítica textual, mostrando a formação do trecho analisado e apontando possíveis alterações que suas fontes possibilitam. Depois, com a apresentação da tradução, começaremos as análises literária, semântica e retórica, complementando esses pontos com elementos da análise exegética.

2.1 Delimitação

Vimos no capítulo anterior que muitos estudiosos concordam que Rm 8,31-39 seja uma conclusão de todo o discurso iniciado no capítulo 5, ou no capítulo 6, para alguns. Aqui se considerará que o argumento concluído em 8,39 se inicia no capítulo 5¹, visto que ali temos o início do tema pneumatológico que perpassa toda a seção². Não resta dúvida de que após 8,39 começa uma nova argumentação pela mudança de tema: a rejeição dos judeus e a inclusão dos gentios³. Assim, fechamos o bloco argumentativo em 5,1–8,39.

Acerca de nossa perícope, desejamos colocar um novo olhar sobre o texto, propondo uma nova forma de ver os versículos 18-39 do capítulo oitavo. Basicamente, o tema do sofrimento perpassa toda a argumentação ali contida, de forma explícita: as palavras “sofrimento” (πάθημα, v. 18,), “gemer com” (συστενάζω, v. 22), “agonizar com” (συνωδίνω, v. 22), “gemer” (στενάζω, v. 23), as várias listas (vv. 35.39), e implícita: a espera do que não se vê (v. 24), a pergunta se há alguém contra nós (v. 31), postos em situação de morte (v. 36). Tem razão o título da dissertação de Andrzej Gieniusz: o sofrimento não frustra a glória futura⁴. Contudo, como não frustrar essa afirmação? Sabendo que tudo coopera para o bem daqueles

¹ PITTA, 2017, p. 13.

² *Idem*, 2017, p. 5.

³ OSBORNE, 2004, p. 232.

⁴ GIENIUSZ, 1999.

que amam Deus, o Espírito e o Cristo são as duas mãos de Deus que alcançam os fiéis, segundo Irineu (*Adversus Haereses* 4,20,1).

De acordo com o texto de pesquisa, temos um verbo com o acréscimo de ὑπερ, elevando a sua ação. Para o Espírito, ele “mais que intercede” (ὑπερεντυγχάνω, v. 26) por nós com gemidos inefáveis. Já em relação ao Cristo, vemos que “somos mais que vencedores” (ὑπερνικάω, v. 38). A ação do Espírito “mais que interceder” está conjugada na terceira pessoa do singular do presente ativo, enquanto a ação do Cristo em nos fazer “mais que vencer”, na primeira pessoa do plural do presente ativo. Nesta participamos, naquela somente observamos. Gieniusz aponta a relação entre os dois verbos com ὑπερ⁵, mas a sua tradução por “super” acaba gerando problemas teológicos ditos por Penna: não se pode considerar a intercessão do Espírito maior ou superior a do Cristo presente no v. 34⁶. Por isso, optamos por “mais que”, dizendo que há algo de compreensível e incompreensível nessa experiência vivida.

Posto isso, assim delimitamos os versículos de 18-39 do capítulo oitavo:

- vv. 18-27: os sofrimentos do tempo presente em relação ao Espírito;
- vv. 28-39: os sofrimentos do tempo presente em relação ao Cristo.

Como vimos no capítulo anterior, a organização dos versículos 28-30 não é uniforme em todos os comentaristas, apontando certa “independência” desses versículos com o que vem antes ou depois. Brent Kruger, em sua tese⁷, apresenta esses versículos isolados da análise de 8,18-39 e aponta o versículo 28, com o início οἶδαμεν δέ, como indicação de que Paulo está apresentando um novo pensamento⁸, pois, em 8,26, o Apóstolo declara que não sabemos como rezar, mas agora sabemos que todas as coisas cooperam ao bem. Penna afirma que os versículos 28-30 aparentemente não pertencem ao grupo dos versículos 18-27 e lista três motivos para que sejam anexados com estes: a) o ser conforme ao filho (v. 29) estaria relacionado com a filiação divina expressa nos versículos 19, 21, 23; b) o verbo “glorificar”, no versículo 30, retoma a ideia da glória anunciada no versículo 18; c) o sujeito divino desses três versículos é o Espírito anunciado no v. 27⁹. Contudo, expressamos três pontos que também unem os versículos 28-30 à segunda parte: a) no v. 28, temos pela primeira vez na carta o verbo ἀγαπάω, que depois será retomado no v. 37; b) é equivocado dizer que o sujeito dos verbos nos novos versículos seja o Espírito. Visto que Deus aparece como acusativo no versículo 28, é de se esperar que aquele a quem nosso amor se dirige seja também a causa desse amor manifestado nos verbos seguintes

⁵ GIENIUSZ, 1999, p. 219.

⁶ PENNA, 2013, p. 661.

⁷ KRUGER, 2013, p. 122-154.

⁸ *Idem*, 2013, p. 126.

⁹ *Id.*, 2013, p. 664.

e, lexicalmente no versículo 39, no próprio Cristo. Ainda se poderia dizer que a palavra *Deus* é igual ao Espírito, mas essa afirmação não se sustenta no v. 32, pois ali *Deus* aparece como sujeito entregando seu próprio Filho; c) Dizer que todas as coisas cooperam para o bem é pedir um olhar positivo sobre uma realidade negativa, do contrário, não haveria razão de dizer isso. Assim, enquanto no trecho do Espírito temos um campo semântico acústico (gemer, suspirar, esperar o que não vê: caminhar pela audição), no do Cristo, visual (imagem, as listas de situações negativas).

Enfim, em pormenores, estruturaríamos desta forma os versículos de 18-39:

- vv. 18-21: Introdução teológica
- vv. 22-25: Contextualização
- vv. 26-27: Conclusão: o Espírito socorre a nossa fraqueza, mais que intercede;

- vv. 28-30: Introdução teológica
- vv. 31-37: Contextualização
- vv. 38-39: Conclusão: Nada pode nos separar do amor de Cristo, que nos torna mais que vencedores.

Destarte, pelo escopo desse trabalho, nos debruçaremos sobre a parte cristológica, sem jamais vê-la como antagonica à pneumatológica, já que as duas são as mãos com as quais o Pai se relaciona com a criação. Não somente o Espírito, mas Jesus também ajuda seus fiéis¹⁰.

2.2 Tradução

A tradução do texto original é feita de acordo com a quarta edição revisada de *O Novo Testamento Grego*, além de uma proposta de tradução:

²⁸ οἶδαμεν δὲ ὅτι τοῖς ἀγαπῶσιν τὸν θεὸν πάντα συνεργεῖ εἰς ἀγαθόν, τοῖς κατὰ πρόθεσιν κλητοῖς οὓσιν. ²⁹ ὅτι οὗς προέγνω, καὶ προώρισεν συμμόρφους τῆς εἰκόνης τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ, εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν πρωτότοκον ἐν πολλοῖς ἀδελφοῖς· ³⁰ οὗς δὲ προώρισεν, τούτους καὶ ἐκάλεσεν· καὶ οὗς ἐκάλεσεν, τούτους καὶ ἐδικαίωσεν· οὗς δὲ ἐδικαίωσεν, τούτους καὶ ἐδόξασεν.

¹⁰ KRUGER, 2013, p. 174.

²⁸ E nós sabemos que aos que amam Deus todas as coisas cooperam para o bem, aos que são chamados de acordo com desígnio. ²⁹ Porque os que pré-conhecia, também destinou conforme à imagem do seu Filho, para que Ele possa ser o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ Ademais, os que destinou, estes também chamou; e os que chamou, estes também justificou; e os que justificou, estes também glorificou.

³¹ τί οὖν ἐροῦμεν πρὸς ταῦτα; εἰ ὁ θεὸς ὑπὲρ ἡμῶν, τίς καθ' ἡμῶν; ³² ὅς γε τοῦ ἰδίου υἱοῦ οὐκ ἐφείσατο, ἀλλὰ ὑπὲρ ἡμῶν πάντων παρέδωκεν αὐτόν, πῶς οὐχὶ καὶ σὺν αὐτῷ τὰ πάντα ἡμῖν χαρίζεται; ³³ τίς ἐγκαλέσει κατὰ ἐκλεκτῶν θεοῦ; θεὸς ὁ δικαίων· ³⁴ τίς ὁ κατακρινῶν; Χριστὸς Ἰησοῦς ὁ ἀποθανών, μᾶλλον δὲ ἐγερθείς, ὃς καὶ ἐστὶν ἐν δεξιᾷ τοῦ θεοῦ, ὃς καὶ ἐντυγχάνει ὑπὲρ ἡμῶν. ³⁵ τίς ἡμᾶς χωρίσει ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ Χριστοῦ; θλίψις ἢ στενοχωρία ἢ διωγμὸς ἢ λιμὸς ἢ γυμνότης ἢ κίνδυνος ἢ μάχαιρα;

³¹ Então, o que diremos diante dessas coisas? Se Deus está a nosso favor, quem está contra nós? ³² Quem, mesmo assim, não poupou o seu próprio Filho, mas a nós todos entregou-o, como não nos dará com ele todas as coisas? ³³ Quem acusará os escolhidos de Deus? [É] Deus quem justifica. ³⁴ Quem condenará? Cristo Jesus, que morreu, ou melhor, que foi ressuscitado, o que está à direita de Deus, o que também intercede por nós. ³⁵ Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, ou aflicção, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?

³⁶ καθὼς γέγραπται ὅτι ἕνεκεν σοῦ θανατούμεθα ὅλην τὴν ἡμέραν, ἐλογίσθημεν ὡς πρόβατα σφαγῆς.

³⁷ ἀλλ' ἐν τούτοις πᾶσιν ὑπερνικῶμεν διὰ τοῦ ἀγαπήσαντος ἡμᾶς. ³⁸ πέπεισμαι γὰρ ὅτι οὔτε θάνατος οὔτε ζωὴ οὔτε ἄγγελοι οὔτε ἀρχαὶ οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα οὔτε δυνάμεις ³⁹ οὔτε ὕψωμα οὔτε βάθος οὔτε τις κτίσις ἐτέρα δυνήσεται ἡμᾶς χωρίσαι ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ θεοῦ τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τῷ κυρίῳ ἡμῶν.

³⁶ Como está escrito: Por sua causa nós estamos postos à morte todo o dia, somos considerados como ovelhas ao matadouro.

³⁷ Mas em todas essas coisas somos mais que vencedores através dele que nos amou. ³⁸ De fato estou convencido de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem coisas futuras, nem poderes, ³⁹ nem altura, nem profundidade, nem qualquer criatura diferente poderá nos separar do amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus, o Senhor nosso.

A crítica textual apresenta algumas observações aos versículos 28, 34, 35 e 38, conforme encontrada em *O Novo Testamento em Grego*. A metodologia para citar os testemunhos acompanha aquela desse livro.

No v. 28, temos somente συνεργεῖ (coopera) nos seguintes testemunhos: κ, C, D, F, G, Ψ, 6, 33, 104, 256, 263, 424, 436, 459, 1175, 1241, 1319, 1506, 1573, 1739, 1852, 1881, 1912, 1962, 2127, 2200, 2464, *Biz* [K, L, P], *Lec* it^{ar, b, d, f, g, mon, o}, vg sir^{p, h}, cop^{bo}, arm, geo, esl, Clemente, Orígenes^{gr, lat}, Eusébio, Cirilo-Jerusalém, Diodoro, (Gregório-Nissa), Dídimio, Marário/Simeão, Crisóstomo, Cirilo, Hesíquio, Teodoreto; Lúçifer, Ambrosiastro, Ambrósio, Jerônimo, Pelágio, Agostinho. Enquanto συνεργεῖ ὁ θεός (Deus coopera) é encontrado em: P⁴⁶, A, B, 81, cop^{sa}, eti. Embora o segundo tenha fortes testemunhas, o grande uso indicado pela quantidade da primeira e o critério da *lectio brevior*¹¹, entende-se que colocar Deus como sujeito do verbo συνεργέω deixa mais explícito e confortante que o Senhor está guiando seu povo e sua colocação não deturpa o versículo¹², visto que o verbo está conjugado na terceira pessoa do singular. Contudo, a conjugação verbal está de acordo com o uso na língua grega do neutro plural, que rege a terceira pessoa do singular¹³. Todas as coisas cooperam, sem nenhuma exceção, ao bem daqueles que amam a Deus¹⁴.

O versículo 34 apresenta três variações: a) Χριστὸς Ἰησοῦς (Cristo Jesus) é encontrado em κ, A, C, F, G, L, Ψ, 6, 33, 81, 104, 256, 365, 424^c, 436, 1319, 1573, 1852, 1962, 2127, it^{b, f, g}, vg, sir^h, cop^{bo}, arm, eti, geo², (geo¹), Orígenes^{lat}, Dídimio^{duv}, Cirilo; Pelágio, Agostinho^{3/4}, Varimadum; b) ἅμα δὲ Χριστὸς Ἰησοῦς (juntamente Cristo Jesus) testemunha-se em: P^{46, vid}, provavelmente para criar uma frase explicatória¹⁵, já as versões latinas omitem Ἰησοῦς em it^{ar, d*, o}; c) somente Χριστός: B, D, 263, 424*, 459, 1175, 1241, 1506, 1739, 1881, 1912, 2200, 2464, *Biz* [K], *Lec* it^{d2, mon}, sir^p, cop^{sa}, esl, Ireneu^{lat}, Cirilo-Jerusalém, Crisóstomo, Severiano; Hilário, Ambrosiastro, Ambrósio, Agostinho^{1/4}. É possível que Ἰησοῦς seja omitido, visto a forte combinação de testemunhos que não o têm¹⁶.

Já o versículo 35 possui três versões sobre o dativo de ἀγάπη: a) Χριστοῦ (de Cristo) encontra-se em C, D, F, G, Ψ, 6, 33, 81, 104, 256, 263, 424, 436, 459, 1175, 1241, 1319, 1573, 1739, 1852, 1881, 1912, 1962, 2127, 2200, 2464, *Biz* [K, L], *Lec* it^{ar, b, d, f, g, mon, o}, vg, sir^{p, h}, cop^{bo}, arm, eti, geo, Orígenes^{gr, lat 3/11}, Orígenes^{duv}, Metódio, Eusébio^{1/4}, Atanásio, Basílio,

¹¹ WEGNER, 2012, p. 71.

¹² PENNA, 2013, p. 665; JEWETT, 1988, p. 526.

¹³ SWETNAM, 2011, p. 29; KRUGER, 2013, p. 129.

¹⁴ PENNA, 2013, p. 666.

¹⁵ CRANFIELD, 1980, p. 438.

¹⁶ *Idem*, 1980, p. 438.

Cirilo-Jerusalém, Diodoro, Dídimo^{1/8}, Anfilóquio, Macário/Simeão^{2/3}, Crisóstomo^{2/3}, Severiano, Marcos-Eremita, Cirilo, Proclo, Hesíquio, Teodoreto; Tertuliano, Novaciano, Cipriano, Hilário^{1/3}, Lúçifer, Ambrosiastro, Ambrósio^{7/9}, Gregório-Elvira, Gaudêncio, Jerônimo^{6/7}, Pelágio, Agostinho^{24/25}, Quodvultdeus^{1/2}; b) θεοῦ (de Deus): κ, 365, 1506, l 147^{1/2}, l 592, l 598, cop^{sa}, esl, Hipólito, Orígenes^{gr mss, lat 3/11}, Eusébio^{3/4}, Dídimo^{5/8}, Macário/Simeão^{1/3}, Crisóstomo^{1/3}, Hilário^{1/3}, Agostinho^{1/25}, Quodvultdeus^{1/2}; c) e θεοῦ τῆς ἐν Χριστῶ Ἰησοῦ (de Deus, o qual está em Cristo Jesus) testemunha-se em B, Orígenes^{lat4(1)/11}, Gregório-Nissa, Dídimo^{2/8}; (Hilário^{1/3}). A variante C é provavelmente assimilação do v. 39¹⁷, enquanto a B pode ter sido influenciada por outros trechos paulinos (Rm 5,5; 8,39; 2Cor 13,13; 2Ts 3,5)¹⁸.

Por fim, o versículo 38 apresenta quatro variações: a) a variante οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα οὔτε δυνάμεις (nem coisas presentes, nem coisas futuras, nem poderes) apoia-se em P²⁷ vid (P⁴⁶: δυνάμεις), κ, A, B, F, G, 365, 1319, 1506, 1573, 1739, 1881, 1962, 2127, (it^{ar, d, f, g}, °), vg^{wv, st}, cop^{sa, bo}, arm, eti, esl, Orígenes^{gr, lat2(2)/9}, Eusébio, Cirilo; Jerônimo^{1(6)/7}, Pelágio, (Agostinho^{5/8}); b) οὔτε δυνάμεις οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα (nem poderes, nem coisas presentes, nem coisas futuras) encontra-se em (Ψ e l 1365 omitem οὔτε μέλλοντα (nem coisas futuras) e acrescentam οὔτε ὕψωμα (nem altura)) 6, 33, 424, 1175, 1241, 1912, 2200, 2464, Biz [K, L], Lec^{pt, AD}, it^{b, mon}, geo², Orígenes^{lat 2/9}, Crisóstomo, Teodoro^{vid}, Teodoreto; (Ambrosiastro), Ambrósio^{2/3}, (Agostinho^{1/8}), (it¹, geo¹, Orígenes^{lat 2/9}, Ambrósio^{1/3}, Agostinho^{2/8} e Quodvultdeus omitem οὔτε δυνάμεις (nem poderes)); c) a terceira versão οὔτε ἐξουσίαι οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα οὔτε δυνάμεις (nem autoridades, nem coisas presentes, nem coisas futuras, nem poderes) pode ser vista em C, (D acrescenta οὔτε ἐξουσίαι antes de οὔτε ἀρχαί, e troca δυνάμεις por δυνάμεις), 81, 104, 256, 263, 459, (l 590 omite οὔτε δυνάμεις), (vg^{cl}), sir^{h, com*}, cop^{bo mss}, (Orígenes^{lat 2/9}); (Hilário); d) a última variante é οὔτε ἐξουσίαι οὔτε δυνάμεις οὔτε ἐνεστῶτα οὔτε μέλλοντα (nem autoridades, nem poderes, nem coisas presentes, nem coisas futuras) vê-se em 436, 1852, Lec^{pt}, sir^p. Optamos pela variante A por causa dos testemunhos de κ, A e B a seu favor.

2.3 Análise literária

Todo texto possui uma estrutura que permite o desenvolvimento do assunto da melhor maneira que o autor pensou em utilizar e, igualmente, é composto de fontes, nem sempre tão

¹⁷ CRANFIELD, 1980, p. 438.

¹⁸ *Idem*, 1980, p. 438.

fáceis de identificar, para apoiar seu conteúdo. Vejamos como Paulo pode ter construído e fundamentado os versículos de nossa perícopie.

2.3.1 Estrutura

Por estrutura entenda-se “as disposições externas do seu conteúdo. [...] na atenção concedida às partes exteriores do texto, ou seja, na sua disposição, subdivisão, realce e interconexão”¹⁹. Podemos perceber três partes diferenciáveis pelo conteúdo em que nossa perícopie é subdividida.

A primeira parte versa sobre “a coerência de Deus, que mantém firme seu desígnio”²⁰ e corresponde aos versículos de 28 a 30. Dizer que “nós temos percebido” é a forma de Paulo expressar uma ação no presente e que não pode ser negada pelos cristãos²¹, e essa compreensão conclui que todas as coisas cooperam para o bem. Aqui temos forte elemento catabático, pois Paulo não negará que há coisas más em si próprias. Contudo, ao olhá-las no contexto global, percebe-se que, misteriosamente, agem para o bem²². É a realização parcial e imperfeita na história do projeto divino centralizado em Deus: “criar uma humanidade conforme ‘à imagem de seu Filho, para que fosse o primogênito de muitos irmãos’”²³. Tal realização é apontada tendo Deus como sujeito numa lista de ações²⁴ paralelas que portam a um clímax²⁵: pré-conhecer, predestinar, chamar, justificar, glorificar. Kruger²⁶, usando apresentação plástica, ilustra esse movimento assim:

τούτους καὶ ἐδόξασεν.
οὓς δὲ ἐδικαίωσεν
τούτους καὶ ἐδικαίωσεν
καὶ οὓς ἐκάλεσεν
τούτους καὶ ἐκάλεσεν
οὓς δὲ προώρισεν,
καὶ προώρισεν
οὓς προέγνω,

¹⁹ WEGNER, 2012, p. 117.

²⁰ BARBAGLIO, 1991, p. 254.

²¹ MURRAY, 1993, p. 314.

²² *Idem*, 1993, p. 314.

²³ BARBAGLIO, 1991, p. 255.

²⁴ MURRAY, 1993, p. 320-321.

²⁵ WEGNER, 2012, p. 121; KRUGER, 2013, p. 143.

²⁶ KRUGER, 2013, p. 143.

A segunda parte está carregada de *pathos* ao expressar a confiança em Deus e em Cristo da parte dos cristãos²⁷ e se constrói do v. 31 ao 34. Paulo inicia com τί οὖν ἐποῦμεν, expressão usada em outros momentos da carta para avançar o argumento²⁸. Temos o desenvolvimento do tema sobre Deus a favor dos homens, perfeito advogado e coerente “com sua ação histórica de justificação”²⁹. Isso não quer dizer que não existam adversários, pois as listas dos versículos 35 e 36 mostram a presença e a força contrária que possuem³⁰, contudo, se Deus está a nosso favor, todas as coisas cooperam para o nosso bem, não para o nosso mal³¹. Ao final do v. 34, Paulo conduz o pensamento para a segurança que pertence aos eleitos de Deus pelo fato das coisas que Cristo fez e continua a fazer³².

A terceira parte está relacionada com as perguntas retóricas da parte anterior, contudo, sua resposta é feita por mais elementos que aqueles encontrados nas respostas precedentes. Mesmo reconfortados pelas linhas que conduziram até aqui, os cristãos ainda vivem essa dificuldade no presente: sentir-se separados do amor de Cristo. Certamente, “amor de Cristo” indica o amor de Cristo aos fiéis, e não o contrário³³. A citação do salmo 43,22 “exprime o tema do martírio do homem piedoso. Ele aplica-se à existência dos fiéis, que, no entanto, podem confiar n’Aquele que os amou”³⁴. Os obstáculos encontrados no dia a dia são vividos na plena certeza de estar “seguro e vitorioso nas mãos de Deus”³⁵. Outrossim, a partir dessa indicação, podemos construir o seguinte movimento concêntrico na argumentação paulina nessa seção:

a¹) v. 35a: Quem nos separará do amor de Cristo?

b¹) vv. 35b-36: possíveis obstáculos.

c) v. 37: somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou.

b²) vv. 38-39b: possíveis obstáculos.

a²) v. 39c: nada poderá nos separar do amor de Cristo.

²⁷ BARBAGLIO, 1991, p. 256.

²⁸ KRUGER, 2013, p. 158.

²⁹ BARBAGLIO, 1991, p. 257.

³⁰ KRUGER, 2013, p. 160.

³¹ MURRAY, 1993, p. 323.

³² *Idem*, 1993, p. 328.

³³ *Id.*, 1993, p. 330.

³⁴ BARBAGLIO, 1991, p. 257.

³⁵ *Idem*, 1991, p. 257.

2.3.2 Fontes

É claro para a pesquisa atual que, para se fazer compreender, o autor necessita de imagens/temas que sejam de conhecimento de seu leitor³⁶. Paulo igualmente o faz em suas cartas, sempre trazendo uma novidade a partir da experiência cristã³⁷. Para melhor apresentação, estruturamos os parágrafos a seguir iniciando-os pela numeração dos versículos e quais possíveis fontes para os vocábulos e imagens encontrados.

V. 28: sobre a temática de Deus transformar uma ação má em algo positivo, temos vários exemplos bíblicos, e destacamos Gn 50,20, trecho do discurso final de José aos seus irmãos: “O mal que tínheis intenção de fazer-me, o desígnio de Deus o mudou em bem”.

V. 29: a Bíblia de Jerusalém, em suas notas marginais, indica relação desse versículo com o pensamento desenvolvido em 1Cor 15,49.

V. 31: A afirmação de Paulo de que Deus está a nosso favor é inspirada no Sl 118(117), 6: “Yahweh está comigo: jamais temerei! Que poderia fazer-me o homem?”³⁸.

V. 33: A incitação de que o adversário se apresente diante de Deus e de seu protegido aparece em Is 50,8, no terceiro cântico do Servo³⁹.

V. 34: Sentar-se à direita para começar a julgar é o tema do primeiro versículo do Salmo 110(109)⁴⁰.

V. 35: A lista de elementos contrários aos cristãos tem paralelo em 2Cor 11,23-27, em que Paulo apresenta as dificuldades encontradas em sua caminhada⁴¹. Além do mais, o tema também é visto em 2Cor 4,8-10.

V. 36: Temos citação literal do Sl 44,22 em sua tradução na LXX⁴². Também não pode ser ignorada a proximidade desse versículo com 2Cor 4,11⁴³.

³⁶ MAARTENS, 1995, p. 1051.

³⁷ *Idem*, 1995, p. 1052.

³⁸ BARBAGLIO, 1991, p. 256

³⁹ *Idem*, 1991, p. 256.

⁴⁰ *Id.*, 1991, p. 256.

⁴¹ MURRAY, 1993, p. 331.

⁴² BARBAGLIO, 1991, p. 256.

⁴³ *Idem*, 1991, p. 256.

2.4 Análise semântica

Em nossa análise semântica, vamos dividi-la em dois olhares sobre a perícopé. O primeiro versa sobre dois grupos e seus respectivos elementos. Depois, procuraremos termos que possam alimentar uma análise teológica sobre nosso trecho.

2.4.1 O grupo dos cristãos e o grupo dos seus adversários

Começemos nossa análise semântica montando um inventário⁴⁴, no qual percebe-se o agrupamento dos termos em dois grupos antagônicos: aqueles que estão ao lado de Deus e aqueles que são contra. O primeiro é formado por pessoas que responderam afirmativamente ao chamado de Deus e que têm a certeza de que todas as coisas concorrem para seu bem. Já o segundo é formado por termos que indicam uma ação contrária a de unir. Sendo impossível afetar Deus diretamente, os objetos dessas ações são os cristãos.

A respeito dos cristãos, quando estão no grupo a favor de Deus, temos as seguintes informações: todas as coisas cooperam para o seu bem (v. 28); são pré-conhecidos, predestinados a serem conforme à imagem de Jesus (v. 29), chamados, justificados e glorificados por Deus (v. 30); se Deus faz tudo isso, logo está a favor de seus eleitos (v. 31), e os cristãos gozam da intercessão do Filho (v. 34); são postos à morte por causa de Jesus (v. 36), mas são mais que vitoriosos graças a Ele (v. 37), participando de um amor do qual não podem ser separados (v. 39).

O grupo contrário aos cristãos aparece como sujeito de “estar contra” (v. 31), “acusar” (v. 33), “condenar” (v. 34), ação que logo é transferida a Jesus, e “separar” (vv. 35-39). O agente dos três primeiros verbos aparece de forma neutra no pronome τίς, continuando sem uma definição sobre ele nas declarações que seguem essas perguntas⁴⁵. Porém, após o τίς do verbo χωρίζω, vemos algumas tentativas de delimitá-lo em dois grupos: tribulação, aflição, perseguição, fome, nudez, perigo, espada (v. 35); e morte, vida, anjos, principados, coisas presentes, coisas futuras, poderes, altura, profundidade, ou qualquer outra criatura (vv. 38-39). Como os verbos serão melhor explorados no capítulo seguinte desta dissertação, continuemos nossa análise sobre esses substantivos.

⁴⁴ EGGER, 2015, p. 93.

⁴⁵ LONGENECKER, 2016, p. 756.

O primeiro elenco de substantivos pertence ao catálogo das dificuldades humanas⁴⁶, e sua divisão em sete termos é muito similar às listas⁴⁷ de fontes greco-romanas e judaicas⁴⁸. Além disso, também possui um componente autobiográfico paulino ao citá-las⁴⁹. Ao olharmos 2Cor 6,4-5, nota-se a ocorrência das palavras tribulação (θλίψις) e aflição (στενοχωρία), e se formos alguns capítulos adiante nessa mesma carta, em 2Cor 11,23-29⁵⁰, aflição (στενοχωρία), perseguição (διωγμός), fome (λιμός), nudez (γυμνότης) e perigo (κίνδυνος) estão elencadas igualmente. O único termo novo é a espada (μάχαιρα).

Jewett afirma que tribulação e perseguição podem ser vistas como elementos da ira divina (Dt 28,53; Is 8,22), ou como sofrimento escatológico pelos santos (Mc 13,19.34; Mt 24,9) ou ainda como problemas que acompanham a pregação apostólica (1Ts 3,3-4; At 20,23)⁵¹.

A palavra perseguição (διωγμός) somente é usada aqui em toda a Carta aos Romanos. Em 2Cor 4,9, Paulo contrasta sua visão com a daqueles que dizem possuir poderes transcendentais para evitar a perseguição⁵². Contudo, pelo olhar paulino, διωγμός não pode ser visto como manifestação contrária de Deus ao fiel, mas como a marca do discipulado. Apoiado no pensamento intertestamentário judaico, o mártir deve ser percebido como devoto ou testemunha de Deus⁵³.

Também fome (λιμός) e nudez (γυμνότης) constituem hápax na Carta aos Romanos. Percebamos que são dois elementos que demonstram fraqueza e destituição de algo: uma interna (a fome) e outra externa (a nudez). Ambas as palavras poderiam ilustrar a quem as lesse uma afirmação divina sobre o cristão separado de Cristo, por isso tais acontecimentos⁵⁴. Mas a própria experiência do Apóstolo nessas situações, como dito em 2Cor 11,27, não corrobora essa interpretação.

A sexta dificuldade, perigo (κίνδυνος), é repetida seis vezes em 2Cor 11,26 e aparece como verbo em 1Cor 15,30. Paulo vai de encontro ao pensamento judaico de sua época, que dizia que o fiel estava protegido do medo e de cada perigo pelo simples fato de acreditar⁵⁵. Ora, novamente, por aquilo que o próprio apóstolo vivenciou⁵⁶, a resposta negativa não poderia ser outra.

⁴⁶ JEWETT, 2007, p. 544.

⁴⁷ LONGENECKER, 2016, p. 757.

⁴⁸ JEWETT, 2007, p. 543.

⁴⁹ PENNA, 2013, p. 688.

⁵⁰ LONGENECKER, 2016, p. 757.

⁵¹ JEWETT, 2007, p. 545-546.

⁵² *Idem*, 2007, p. 546.

⁵³ *Id.*, 2007, p. 546.

⁵⁴ *Id.*, 2007, p. 547.

⁵⁵ *Id.*, 2007, p. 547.

⁵⁶ PENNA, 2013, p. 688.

Agora chegamos ao elemento não encontrado na lista de 2Cor: a espada (μάχαιρα). Jewett relembra que não se trata de uma grande espada (ξίφος), pelo contrário, fala-se de uma pequena espada ou adaga⁵⁷. A μάχαιρα era a máxima execução imposta pelo Estado (Ap 13,10; Mt 10,34; At 12,2; Hb 11,34)⁵⁸. Além do mais, tal termo também designa o exercício coercitivo do poder (Rm 13,4)⁵⁹. Sendo uma pena mortal, era a maior avaliação negativa que o ambiente externo poderia dar ao cristianismo sobre suas ações. Acreditamos que Estado engloba o mundo judaico e o mundo romano. Mesmo assim, tal poder máximo não pode separar os fiéis do amor de Cristo.

Assim, após termos visto cada elemento, a lista paulina não pretende fazer um autoelogio ao próprio Apóstolo ou aos cristãos. Ela deseja demonstrar a adequação dos cristãos ao sofrimento de Cristo⁶⁰, elemento que será aprofundado no próximo capítulo. O cristão está inserido neste mundo concreto e com suas dificuldades, sem um arrebatamento aos céus⁶¹.

Chegamos agora aos dez elementos que compõem o segundo elenco de adversidades. Elas estão apresentadas em pares antitéticos⁶², o que facilitaria sua memorização⁶³. Em comparação com a lista do v. 35, aqui temos conceitos mais abstratos que possuem relevância ampla e fundamental para declarar sua ineficácia em nos separar de Cristo⁶⁴. Essa lista, segundo Dunn, possui termos “citados provavelmente [...] em grande parte *ad hominem*, com a intenção de tranquilizar aqueles para os quais esses poderes eram demasiadamente reais e inspiravam o medo real”⁶⁵.

O primeiro par, morte e vida, apresenta ao ser humano a morte em todas suas possibilidades ao ser humano⁶⁶, seja a morte física ou qualquer outro sofrimento que produza essa sensação. Por “vida”, pode-se referir às distrações da vida e suas seduções ou mesmo às consequências da vida na carne⁶⁷.

A segundo dupla, anjos e principados, aparece somente aqui em toda a Carta aos Romanos e está conforme a hierarquia celestial de origem judaica⁶⁸. Por anjos, Paulo

⁵⁷ JEWETT, 2007, p. 547.

⁵⁸ *Idem*, 2007, p. 547.

⁵⁹ PENNA, 2013, p. 689.

⁶⁰ LONGENECKER, 2016, p. 757.

⁶¹ PENNA, 2013, p. 689.

⁶² *Idem*, 2013, p. 691.

⁶³ LONGENECKER, 2016, p. 758.

⁶⁴ PENNA, 2013, p. 691.

⁶⁵ DUNN, 2003, p. 146, *grifo do autor*.

⁶⁶ PENNA, 2013, p. 691.

⁶⁷ JEWETT, 2007, p. 551.

⁶⁸ PENNA, 2013, p. 691.

compreende os mensageiros de Deus (Gl 1,8) que supervisionam os seres humanos (1Cor 4,9)⁶⁹. Jewett diz que ἄγγελος também engloba os anjos caídos e que são esses os que Paulo tem em mente⁷⁰. Todavia, no segundo elenco de adversidades, o Apóstolo apresenta elementos positivos e negativos para indicar a globalidade do campo em que o par se encontra. Por isso, acreditamos que com ἄγγελος se faça referência a todos os anjos, não somente a uma classe. Já principados abarca todos os seres espirituais, ou poderes cósmicos⁷¹, que originalmente deveriam ter sido bons (Cl 1,16), mas estão confinados ao céu inferior (Ef 3,10)⁷². Certamente, Paulo exprime que nenhuma força externa pode separar os cristãos desse relacionamento com Deus.

O terceiro par é composto por participípios, ἐνεστῶτα e μέλλοντα, que aparecem na mesma sequência em 1Cor 3,22, diferenciando que neste é atribuído um sentido positivo a esses termos, enquanto em Romanos prevalece o negativo⁷³. Penna afirma que o “presente” faz referência ao tempo atual, enquanto o “futuro”, às coisas que hão de vir⁷⁴. Concordamos com Jewett ao dizer que, embora muitas explicações sobre esses vocábulos tenham sido dadas por pesquisadores ao comparar com textos extrabíblicos, em nenhum lugar de seus escritos Paulo delimita o que considera ser esses termos⁷⁵. Pelo contexto, podemos intuir que possuem poder para ameaçar os cristãos de separá-los de Deus.

O termo “poderes” encontra-se sem um par que lhe seja contrário. Por isso, como apresentado na crítica textual, alguns testemunhos o excluem de suas versões. Abarca em si as potências celestes⁷⁶. Esse vocábulo é familiar na literatura grega e bíblica, tratando-se de um poder hostil a Deus⁷⁷.

A última dupla é composta por “altura” e “profundeza”. Por altura (ὑψωμα) e profundeza (βάθος) entende-se o lugar mais alto da criação ou o apogeu dos planetas⁷⁸ e o mais baixo ou o “espaço abaixo do horizonte do qual surgem as estrelas”⁷⁹, uma visão fortemente embasada em fatos astrológicos⁸⁰. Esses poderes pareciam determinar a vida na terra de várias

⁶⁹ JEWETT, 2007, p. 551.

⁷⁰ *Idem*, 2007, p. 552.

⁷¹ *Id.*, 2007, p. 552.

⁷² DELLING, 1977, p. 483.

⁷³ JEWETT, 2007, p. 552.

⁷⁴ PENNA, 2013, p. 692.

⁷⁵ JEWETT, 2007, p. 553.

⁷⁶ PENNA, 2013, p. 692.

⁷⁷ DUNN, 2003, p. 143.

⁷⁸ *Idem*, 2003, p. 143.

⁷⁹ *Id.*, 2003, p. 143.

⁸⁰ PENNA, 2013, p. 693; DUNN, 2003, p. 143.

maneiras⁸¹. Entretanto, mesmo que assim o fosse, não seria o suficiente para concretizar a separação do fiel do amor de Cristo.

A expressão que encerra esse elenco, “nem qualquer criatura diferente” (οὔτε τις κτίσις ἕτέρα), aponta que nenhum outro fator cósmico ou humano não incluído anteriormente possa conjugar o verbo χωρίζω⁸². Além disso, esse término confirma que tudo que pode ameaçar o ser humano é criatura tal como o homem é. Assim, esses elementos não podem lutar contra Deus e seu desígnio⁸³.

2.4.2 Elementos teológicos da perícope

Por meio da análise semântica, a perícope de nosso estudo apresenta cinco grupos temáticos: cristologia, soteriologia, antropologia, eclesiologia e escatologia. Como esses elementos serão tema do próximo capítulo, nos restringiremos a apenas elencar como podem ser localizados no texto, deixando outras explicações para os próximos passos da pesquisa.

O tema da cristologia é encontrado nas afirmações de Cristo ser o primogênito dentre muitos irmãos (v. 29), nas imagens encontradas no v. 34, e em Cristo como sujeito do verbo amar (vv. 35-39).

Em relação à soteriologia, três momentos são enxergados aqui: as ações no aoristo que Deus faz em favor dos homens (vv. 28-30); as afirmações no presente (v. 28: os que são chamados de acordo com seu propósito; todas as coisas trabalham juntas para o bem; v. 31: Deus está a nosso favor; v. 33: Deus justifica; v. 34: Cristo intercede); e ações no futuro (v. 32: nos dará todas as coisas; v. 33: quem acusará; v. 34: quem condenará; v. 35: quem separará).

A antropologia se desenvolve primeiramente como sujeito do verbo “amar” (v. 28) para depois ser objeto de várias ações que têm Deus como sujeito (vv. 28-39): chamados (v. 28), pré-conhecidos (v. 29), predestinados (v. 29), irmãos de Cristo (v. 29), chamados (v. 30), justificados (v. 30), glorificados (v. 30), Deus está a seu favor (v. 31) e lhes entregou tudo (v. 32); escolhidos de Deus (v. 33), intercedidos por Cristo (v. 33), estão em seu amor (v. 35), postos à morte e ovelhas destinadas ao matadouro por causa de Cristo (v. 36), mais que vencedores (v. 37).

Já a eclesiologia é abordada pelas afirmações de que os homens “são chamados de acordo com seu propósito” (v. 28), de que a Igreja é glorificada (v. 30) e está no “amor de Deus,

⁸¹ JEWETT, 2007, p. 554.

⁸² *Idem*, 2007, p. 554.

⁸³ *Id.*, 2007, p. 554.

o qual está em Cristo Jesus” (v. 39). Como a própria palavra *ekklesia* traz em si o tema do chamado, e ao observar a sucessão de ações nos vv. 29-30, percebe-se que há ações que acontecem antes da entrada na *ekklesia*: pré-conhecer e predestinar; a ação de chamar em si; e ações que acontecem depois da entrada na *ekklesia*: justificar e glorificar. Último ponto é o termo dado àqueles que foram chamados: “irmãos” (v. 29) e “escolhidos de Deus” (v. 33).

Por fim, o último grupo semântico é a escatologia: Cristo como primogênito (v. 29), Deus dará todas as coisas a nós e a Cristo (v. 32), palavras relacionadas ao julgamento (vv. 33-34). Ainda fica uma pergunta: o amor de Cristo é somente para o presente histórico ou também influenciará na escatologia?

2.5 Análise retórica

Percebemos dois grandes movimentos acontecendo dentro de nossa perícopa: diatribe, que percorre toda a carta, e um forte tom emotivo nessa *peroratio*.

A Carta aos Romanos apresenta o maior número de pessoas saudadas pelo nome (Rm 16,3-15) e, ao mesmo tempo, é aquela em que a situação dos destinatários não influencia tanto o seu conteúdo⁸⁴. O contexto assemblear de Romanos acaba por nos conduzir à sua oralidade mais peculiar que é a diatribe: vivacidade do diálogo e formulação de perguntas e respostas breves⁸⁵.

Alguns autores apontam que isso se deve ao fato de Paulo não conhecer bem a realidade vivida pelos fiéis de Roma. Isso é verdade! Contudo, é um argumento fraco, pois, como demonstrado por Antonio Pitta, Paulo também utiliza a diatribe em trechos de cartas dedicadas a comunidades de sua fundação: 1Cor 6,15-16; Gl 2,17-18 e 3,21⁸⁶. Além do mais, Jean-Nöel Aletti⁸⁷ afirma que não são os problemas comunitários que determinam o gênero retórico das cartas paulinas, mas a forma com a qual Paulo trata deles: a perspectiva de distanciamento.

Portanto, se a tendência do Apóstolo é a de dar um passo para trás e não imediatamente responder às questões concretas, mas, sim, levar o debate para uma radicalidade maior, isto significa que *seu discurso é muito menos contingente do que tem sido dito*, porque mais do que criar um trabalho casuístico, ele está ampliando as questões ao afirmar as relações fundamentações e duradouras sem as quais as questões (e as respostas) poderiam perder sua pertinência.⁸⁸

⁸⁴ PITTA, 2017, p. 1.

⁸⁵ *Idem*, 2017, p. 2.

⁸⁶ *Id.*, 2017, p. 2.

⁸⁷ ALETTI, 2015, p. 103.

⁸⁸ Thus, if the Apostle's tendency is to take a step back and not immediately respond to concrete questions but rather to carry the debate to a greater radicality, this means that *his discourse is much less contingent than has been*

Assim, a diatribe assume a função fundamental de produzir esse “distanciamento” das situações contingentes para afrontá-las a partir da causa mais elevada e que conta mais do que as contingências⁸⁹.

Lembremos que estamos na *peroratio* da segunda seção da parte querigmática da carta, desenvolvida entre os capítulos 5 e 8. De acordo com Bice Mortara Garavelli, um epílogo pode ser construído de duas maneiras: enumeração ou recapitulação dos temas tratados e moção dos afetos⁹⁰. A enumeração ou recapitulação será contemplada nesta pesquisa no capítulo 3.4. O forte tom do *pathos* pode ser encontrado no pronome *nós* e nas conjugações relacionadas a este pronome (vv. 28.31.32.34.35.36.37.39), os cristãos como destinatários de ações de Deus, ilustrando um relacionamento próximo entre este e aqueles (vv. 29.30.31.32.33.34.37). Aliás, outros termos indicam essa relação como: amar (v. 28), irmãos em relação aos cristãos e a Cristo (v. 29) e separar (vv. 35.39). Ainda falta um elemento: a convicção que Paulo possui (v. 38) é sobre uma realidade que engloba a si e aos cristãos. Tal tom em nossa perícopie ilustra que estamos com uma peroração que deseja suscitar o afeto da audiência, para provocar o envolvimento emotivo e captar a benevolência⁹¹. Dessa forma, o uso da primeira pessoa do plural faz com que Paulo se aproxime de seus interlocutores, apresentando sua fala como também vivida por ele, o que lhe dá certa autoridade para falar desses temas. O uso de termos relacionais promove a aproximação dos cristãos a Deus, que encontram nisso sua segurança.

O fio condutor de toda a carta, a *propositio*, se encontra em Rm 1,16-17, colocando ao centro o evangelho para a salvação de qualquer um que crê⁹². Todas as seções entre Rm 1,18–11,36, de acordo com Pitta, contribuem para explicar a abordagem salvífica da justificação pela fé⁹³. Como nossa segunda seção fala sobre a vida nova do cristão em Cristo, é possível observar que Paulo trata aqui do fiel ante sua realidade cotidiana, muitas vezes contraditória. Possivelmente, vemos em nossa perícopie um testemunho paulino daquilo que ele estaria vivendo antes de sua partida para levar a coleta a Jerusalém⁹⁴. O impulso para frente que Paulo tenta demonstrar aos seus é o mesmo que o impulsiona a ir a Jerusalém, sabendo das dificuldades que isso comportava. É a diatribe que proporciona a Paulo esse distanciamento

said because more than creating a casuistic work, he is enlarging the questions by stating the fundamental and lasting relationships without which the questions (and the answers) would lose their pertinence. (ALETTI, 2015, p. 102-103, *tradução nossa*).

⁸⁹ PITTA, 2017, p. 3.

⁹⁰ GARAVELLI, 1997, p. 102-103.

⁹¹ *Idem*, 1997, p. 102-103.

⁹² PITTA, 2017, p. 11.

⁹³ *Idem*, 2017, p. 12.

⁹⁴ BARCLAY, 2017, p. 5.

para comprovar ao longo de toda a carta, em especial em nossa perícopes, que o Evangelho é potência divina para a justiça salvífica daquele que crê⁹⁵.

Conclusão

A delimitação de nossa perícopes encontra respaldo em Karl Barth, mas a análise proposta vai além do seu comentário. Percebemos que há um grande movimento para enxergar 8,18-30 como uma seção e 8,31-39 como outra, embora haja ressalvas quanto os versículos 28-30 indicarem certa independência de 8,18-27. Nossa proposta de organização se apoia na intuição de que Paulo deseja apresentar a relação dos cristãos com Cristo na nova vida pós-batistal. Assim, três são os movimentos percebidos: o plano de Deus (vv. 28-30), questões sobre Deus (vv. 31-34), e questão sobre a separação de Cristo (vv. 35-39).

Ao olharmos semanticamente, cinco grupos de temas são desenvolvidos: cristologia, soteriologia, antropologia, eclesiologia e escatologia. A experiência de Paulo com Cristo na vida cotidiana faz com que ele apresente aos seus ouvintes uma releitura do passado, um novo olhar sobre o presente e uma esperança nova para o futuro. Tudo isso a partir de Cristo e isso nos faz aprofundar, primeiramente, a cristologia para dela irradiar novas luzes aos outros temas.

Ao utilizar-se da diatribe, o Apóstolo traz a vivacidade do diálogo e do *pathos*, para expressar a profundidade a que havia chegado. Sabemos que Paulo estava prestes a levar a coleta para Jerusalém, e sabia que essa viagem não seria fácil. O que lhe traz força é a vivência do amor de Cristo, que o faz enxergar-se como vencedor, embora, por fora, outros o vejam numa situação contrária. Sua resposta é a fé, e é esta que deseja fazer crescer nos ouvintes da carta. Seria essa situação de dor que o faz retomar alguns temas encontrados em 2 Coríntios, outra carta de um momento de angústia para o Apóstolo?

Compreendemos que um aprofundamento de tal perícopes tenha muito a nos dizer atualmente, tal como aos destinatários da Carta aos Romanos, principalmente no que tange aos temas emersos da análise semântica, assunto do próximo capítulo.

⁹⁵ PITTA, 2017, p. 12.

3 RM 8, 28-39 E SEUS APORTES TEOLÓGICOS

Após termos passado o texto sob diversos olhares, voltamo-nos agora aos temas que surgiram no item 2.4 para conduzir este capítulo, a saber: a cristologia, a soteriologia, a antropologia, a eclesiologia e a escatologia.

Começar falando sobre a cristologia presente na perícope é assunto primordial, pois apresentam-se os óculos com os quais Paulo enxerga a realidade que está sendo abordada. Após esse passo, a forma como Cristo é percebido tem relação com a salvação do ser humano, mostrando-se como o próximo importante item a ser analisado, visto que o querigma primitivo volta-se para o “morreu para nos salvar”, ou seja, num primeiro momento, Cristo é anunciado por sua história ter relação direta com a nossa. A seguir, debruçar-nos-emos sobre a compreensão antropológica que emerge desse horizonte. Afinal, o novo homem apresentado por Paulo tende a ser visto e vivido de que maneira? Como esse ser humano não caminha sozinho, a importância de se inserir numa vida comunitária é mister para a vivência da fé cristã, até mesmo pelo fato de esta fé chegar até seus novos adeptos por meio da transmissão; logo, como podemos compreender essa eclesiologia a partir de nossa perícope? Além do mais, não podemos desfocar a meta à qual todo esse caminho conduz, visto que a revelação divina não acontece por um mero acaso, pois há um querer destinado a uma razão; assim, como a nossa perícope permite contemplar alguns pontos sobre a escatologia?

Uma vez apresentado o horizonte deste capítulo, passemos à metodologia que é nele empregada. Começa-se sempre dos textos, observando algumas coisas sobre a estrutura sintática e aprofundando pontos das várias análises do capítulo 2. A seguir, observamos o que a pesquisa atual sobre os temas pode nos ajudar. Lembramos que, no início do texto desta pesquisa, fizemos uma hermenêutica que evidenciou a importância dos temas tratados na perícope para Paulo, os romanos seus contemporâneos. Assim, para concluir, apresentamos uma atualização da delimitação textual aos fiéis hodiernos.

Ainda cabe um adendo quanto à divisão deste capítulo. Não se deve ler isoladamente um item do outro, como se a Cristologia funcionasse independente da Escatologia ou da Eclesiologia. Todos os elementos se iluminam entre si, sendo a divisão apenas uma forma estrutural de abordá-los. Assim, o que é dito na Eclesiologia complementa a Soteriologia e vice-versa.

3.1 Cristologia

Ao começar a falar sobre o pensamento paulino, a primeira coisa a fazer é olhar como Cristo está sendo apresentado¹ dentro daquela perícopes ou nos textos que circundam aquele que será analisado. Este é o início, visto que é a experiência com Cristo que faz Paulo enxergar o horizonte que está à sua frente e interpretá-lo². Assim, Jesus serve-lhe de óculos para poder significar a vivência sua e da comunidade à qual se dirige.

Lexicalmente, temos alguns termos relacionados a Jesus: υἱός (vv. 29 e 32), πρωτότοκος (v. 29), como pronome acusativo do verbo παραδίδομι (v. 32), co-destinatário de todas as coisas (v. 32), dois verbos adjetivados usados na função atributiva³: ὁ ἀποθνήσκω (v. 33) e ἐγείρω (v. 33), sentado à direita de Deus (v. 33), intercede por nós (v. 33), como genitivo do substantivo ἀγάπη (v. 35), ele é a razão de os cristãos serem conduzidos à morte (v. 36), sujeito do verbo ἀγαπάω (v. 37) e local do amor de Deus (v. 39). Destarte, podemos montar quatro grupos num esquema semântico:

- 1) Cristo em relação a nós, pois ele é a meta da configuração dos cristãos;
- 2) Cristo em sua relação com Deus, visto que é Filho e entregue a nós;
- 3) Cristo é visto como o que morreu, ressuscitou e está à direita de Deus, intercedendo por nós;
- 4) Amor de Cristo/Amor de Deus: Ele nos ama por primeiro.

Afirmar no início da perícopes que Cristo se torna a meta é reassegurar que Jesus deve ser o centro do olhar para todos aqueles que o abraçam. Pelo fato de ter demonstrado a recuperação da divina imagem⁴, agindo como o verdadeiro Filho de Deus, ele tornou-se o primogênito de muitos irmãos⁵. Participando dessa fraternidade⁶, como todas as coisas são direcionadas a Cristo⁷, também o ser humano é co-receptor⁸. Aliás, a experiência que Paulo viveu em Damasco diz que “Jesus se identificava estreitamente com os cristãos que Paulo perseguiu”⁹. Algumas dessas figuras reaparecerão na parte Antropológica do nosso estudo, por isso não as aprofundaremos nesta seção.

¹ WITHERINGTON III, 2008, p. 316.

² SEGALLA, 1992, p. 90.

³ SWETNAM, 2011, v. 1, p. 20-21.

⁴ CERFAUX, 2003a, p. 174.

⁵ JEWETT, 2007, p. 529.

⁶ SEGALLA, 1992, p. 94.

⁷ *Idem*, 1992, p. 96.

⁸ CERFAUX, 2003a, p. 347.

⁹ WITHERINGTON III, 2008, p. 316.

Nas vezes em que Paulo utiliza o termo *υιός*, na Carta aos Romanos, sempre está relacionando Jesus a Deus¹⁰. Assim podemos ver em 1,3.4.9; 5,10 e 8,3.29.32. Como já é muito conhecido, falar de filiação corresponde a falar de uma relação entre duas pessoas¹¹. Ela não pode ser um termo isolado. Por exemplo, citar o termo “homem” não implica em relação alguma, pois ou estamos falando de um indivíduo masculino ou do substantivo coletivo para todos os seres humanos. Já se usamos o termo “tio”, logo concluímos que haja um “sobrinho”, ou seja, alguém que se relacione com aquela pessoa para lhe conferir essa relação. Desta forma, Cristo é Filho de um Deus Pai e, por isso, é a imagem de Deus¹², é o Homem novo.

Mas Paulo toma cuidado de nos dizer que não é Cristo imagem de Deus por Criação. Rejeita explicitamente a exegese que atribui a qualidade de imagem a um homem criado em primeiro lugar e que seria o homem espiritual (a ideia do homem transposta para a ordem religiosa) de Filon. [...] Sua definição de imagem de Deus vem-lhe de sua relação transcendente com Deus.¹³

Em relação à sua entrega por parte de Deus, comentaristas fazem alusão a Gn 22, capítulo em que acontece a entrega de Isaac por parte de Abraão. Penna afirma que não a esse texto, mas ao de Is 53, pois o valor expiatório do gesto de Deus encontra ali uma associação implícita¹⁴. A aproximação ao texto de Isaac seria uma tentativa de explicar a morte de Jesus, e não o uso de um método hermenêutico bíblico¹⁵.

O termo *πρωτότοκος* “refere-se a Cristo na qualidade de unigênito [...] e, deste modo, contempla-se a filiação singular e eterna”¹⁶, além de refletir sua prioridade e supremacia. Murray lembra que o Cristo glorificado “jamais deixa de ser Filho eterno, e o Filho eterno é o Filho encarnado e glorificado”¹⁷. Mas o termo também significa quem vem por primeiro. Assim, ao dizer de sua posição singular, “Jesus de Nazaré serve de protótipo para a força de vida criadora de Deus”¹⁸ ao ser humano.

Continuando a leitura dos grupos semânticos, agora adentramos na terceira seção. Os verbos adjetivados a Cristo remetem ao seu Mistério Pascal. Paulo “refere-se a um grande ato de salvação que inclui a morte e a ressurreição de Jesus, salvação que livra da cólera os que

¹⁰ CERFAUX, 2003a, p. 347.

¹¹ *Idem*, 2003a, p. 347.

¹² *Id.*, 2003a, p. 336.

¹³ *Id.*, 2003a, p. 336.

¹⁴ PENNA, 1991, p. 198.

¹⁵ *Idem*, 1991, p. 199.

¹⁶ MURRAY, 2003, p. 347.

¹⁷ *Idem*, 2003, p. 347.

¹⁸ SCHNELLE, 2010, p. 767.

foram salvos e lhes dá vida contínua”¹⁹. Relembrar essa base da fé cristã, no contexto da carta, mostra que se “a salvação era pela graça por meio da fé no Senhor Jesus que foi crucificado e ressuscitou, nada impedia que todos, inclusive os gentios, fossem salvos independentemente da lei mosaica”²⁰. Certamente já temos um prelúdio do que virá nos capítulos seguintes de Romanos 8, e a reafirmação de que Cristo é para todos: judeus e gentios. Uma vez ascendido, Cristo está assentado à direita de Deus, em outras palavras, um reconhecimento do “reinado atual de Cristo”²¹, e realiza a mesma função que o Espírito Santo, pois ambos intercedem por nós (vv. 26 e 34), embora haja uma diferença: o Espírito intercede pelos cristãos na terra, em seus corações, enquanto Cristo o faz no céu²². Contudo, Paulo utiliza o prefixo ὑπέρ com o verbo ἐντυγχάνω no v. 26 (mais que interceder), o que não acontece no v. 34 (interceder). Não discutiremos o que foi falado sobre esta preposição no capítulo 2.1, mas vale lembrar que, para Cristo, Paulo usará o mesmo prefixo para o verbo νικάω (v. 37) e, assim, entramos no quarto bloco da análise cristológica.

Embora o verbo ὑπερνικάω esteja relacionado a Paulo e aos cristãos, por isso a primeira pessoa do plural na conjugação, o Apóstolo diz que somente podemos realizar o conteúdo desse verbo por causa de Cristo, que nos amou²³. Jesus nos revela esse amor ao se entregar por nós²⁴, ilustrado pelo verbo ἀγαπήσαντος, conjugado no particípio aoristo, ou seja, remete a um único ato de amor²⁵: a cruz de Cristo²⁶. “O senhorio de Cristo se estende sobre todos os poderes, no paraíso e na terra, e sua motivação é o amor”²⁷. A expressão “o amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus, o Senhor nosso” (v. 39) se manifesta e se mostra exclusivista, visto que só em Cristo “podemos conhecer a abrangência e o vínculo do amor de Deus”²⁸.

3.2 Soteriologia

Acerca da soteriologia, temos, lexicalmente, elementos que podem exprimi-la e, semanticamente, temos algumas orações que iluminam00 nossa temática. Desta forma, encontramos: o tema de enxergar todas as coisas para uma finalidade positiva, e por todas

¹⁹ MORRIS, 2008, p.1128.

²⁰ WITHERINGTON III, 2008, p. 316.

²¹ CERFAUX, 2003a, p. 27.

²² WILCKENS, 1992, p. 215.

²³ LONGENECKER, 2016, p. 758.

²⁴ CERFAUX, 2003b, p. 522.

²⁵ MURRAY, 2003, p. 359.

²⁶ JEWETT, 2007, p. 549.

²⁷ *Idem*, 2007, p. 554.

²⁸ MURRAY, 2003, p. 362.

compreendamos “bem” e “mal” (v. 28), a sequência crescente das ações tendo como sujeito Deus (vv. 29-30) e a questão sobre sermos mais que vencedores diante de todas essas coisas (v. 37). Embora pela apresentação do texto as ações tendo Deus como sujeito venham após a compreensão do “bem” e “mal”, é fundamental começarmos por aquelas para entendermos estas.

No versículo 29, descortina-se uma sequência crescente de verbos conjugados na terceira pessoa do aoristo ativo: προγινώσκω, προορίζω, καλέω, δικαιώω e δοξάζω. O fato de a terceira regê-los aponta que independe de Paulo e dos cristãos, escritor e ouvintes, realizar essas ações. Aliás, a conjugação no aoristo diz que esses movimentos já aconteceram e se completaram, foram atos pontuais²⁹, e expressam a segurança absoluta³⁰ e inalterável em Cristo³¹. É preciso pontuar a utilização da preposição πρὸς diante dos verbos anteriores à ação de chamar. Deus pré-conhecia e pré-destinou antes do chamamento, novamente, dois verbos que clarificam a iniciativa divina antes da consciência humana poder responder. Não existe um pré-chamado, existe o chamar no momento presente. Pensando assim, Paulo não apresenta o plano salvífico como mero acaso, mas reforça sua não-casualidade e dom gratuito³². Assim, abordemos cada verbo para ver esse processo de transformação, ou melhor, desenrolar da salvação³³ que Deus opera³⁴ em suas pessoas chamadas.

Pré-conhecer inicia a obra de redenção. “A salvação não é iniciada por decisão de uma pessoa em receber Jesus Cristo como Senhor e Salvador”³⁵. Alguns pesquisadores afirmam que esse pré-conhecer, ou conhecer de antemão, aludiria à “eterna previsão de tudo que viria a acontecer”³⁶. É problemático afirmar isso, pois a liberdade humana não seria levada em conta, tornando o ser humano mera marionete. Além do mais, tal afirmação é perfeita para as coisas boas que acontecem na história e em nossa vida, mas muito imperfeita para as ocasiões negativas. Paulo apenas acrescenta a ideia de πρὸς ao γινώσκω³⁷. Então, perceber a semântica dessa ação poderá nos ajudar. Esse verbo traz em si uma conotação de amor antecipado³⁸. As Escrituras consideram o verbo *conhecer* não somente como algo intelectual³⁹, mas para se

²⁹ SWETNAM, 2001, p. 110.

³⁰ MORRIS, 2008, p. 1131.

³¹ MACARTHUR, 2002, p. 550.

³² BARBAGLIO, 1991, p. 255.

³³ MACARTHUR, 2002, p. 550.

³⁴ MURRAY, 2003, p. 348.

³⁵ “La salvación no es iniciada por decisión de una persona de recibir a Jesucristo como Señor y Salvador” (MACARTHUR, 2002, p. 550, *tradução nossa*).

³⁶ MURRAY, 2003, p. 343.

³⁷ *Idem*, 2003, p. 345.

³⁸ MACARTHUR, 2002, p. 553.

³⁹ MURRAY, 2003, p. 345.

referir a uma relação de amor entre as pessoas (Gn 4,17; Mt 7,23), como sinônimo de escolher em Am 3,2⁴⁰. Assim, é possível concluir que προγινώσκω “significa ‘aqueles sobre os quais Ele colocou seu interesse’ ou ‘aqueles que Ele conheceu desde a eternidade com deleite e afeição distinguidores’”⁴¹.

O próximo passo é predestinar. Se a concepção desse termo for igual àquela apontada no item anterior, ou seja, de algo preestabelecido, quase ou igual à moira grega, não há razão para aprofundar προορίζω. Meyer até exclui esse léxico, considerando-o acessório⁴². Na concepção proposta nesta dissertação e consonante a Murray, προγινώσκω “enfoca a atenção sobre o amor distintivo da parte de Deus, mediante o qual foram eleitos os filhos de Deus”⁴³, sem informar para que. Dessa forma, προορίζω apresenta a meta dessa eleição: sermos conformes à imagem de seu Filho. “O amor de Deus não é uma emoção passiva; é uma volição ativa que se encaminha resolutamente para nada menos do que o mais sublime algo para seus filhos adotivos, a conformidade com a imagem de seu Filho unigênito”⁴⁴.

Chamar remete à vocação de todos os cristãos, ou seja, “sermos filhos de Deus”⁴⁵. O seu uso no aoristo indica que houve uma resposta (o batismo⁴⁶) por parte de quem o ouviu⁴⁷, mas a iniciativa sempre é divina. Na segunda carta a Timóteo, esse elemento aparece por primeiro para revelar que a origem da salvação é em Deus (2Tm 3,15)⁴⁸, ou seja, uma ação divina que antecede a resposta do homem⁴⁹. Preceder a ação de chamar retomando o predestinar (v. 30) significa que os planos de Deus não ficaram somente no campo das intenções, mas se traduziram em atos concretos⁵⁰.

Em nossa análise, temos pontuado que os dois elementos primeiros (pré-conhecer e predestinar) acontecem antes de uma resposta humana. Isso significa, de acordo com Tt 2,11, que são ações universais⁵¹, em outras palavras, para todos, inclusive a terceira etapa (chamar). A partir daqui, Paulo discorre sobre os efeitos desse chamado com uma resposta positiva do homem⁵², configurada na expressão amar a Deus⁵³, efeitos que podem ser vistos como os dois

⁴⁰ MACARTHUR, 2002, p. 553.

⁴¹ MURRAY, 2003, p. 345.

⁴² *Apud Idem*, 2003, p. 346.

⁴³ *Id.*, 2003, p. 346.

⁴⁴ *Id.*, 2003, p. 346.

⁴⁵ CERFAUX, 2003b, p. 439.

⁴⁶ PENNA, 2013, p. 672.

⁴⁷ DUNN, 2003, p. 377.

⁴⁸ MORRIS, 2008, p. 1128.

⁴⁹ *Idem*, 2008, p. 1128.

⁵⁰ PENNA, 2013, p. 672.

⁵¹ MORRIS, 2008, p. 1129.

⁵² DUNN, 2003, p. 377.

⁵³ BARTH, 2002, p. 386.

maiores objetivos que Paulo vê em Deus: ser conformes seu filho e viver entre irmãos⁵⁴. Se há a possibilidade de responder negativamente, então lembremos que a salvação é uma proposta ao ser humano, não uma imposição.

Justificar “corresponde a um acontecimento que se passou em nós, por uma participação na redenção de Cristo, e que nos garante a salvação futura”⁵⁵. Esse verbo salienta uma reconciliação, pois

o pecador sabe pela fé que suas relações com Deus estão mudadas. Ele era objeto da ira de Deus, agora é objeto de sua amizade, e esta condição nova é nele uma realidade. Ele não é mais pecador por natureza, diria Paulo (cf. Gl 2,15), é, por conseguinte, justo por natureza, pertencente a uma “raça” nova. É não apenas uma “condição” nova, mas uma transformação real de seu ser profundo.⁵⁶

Assim, o contrário de justificar é condenar⁵⁷. O uso desse verbo retoma uma das teses principais da Carta aos Romanos: a gratuidade da justificação do fiel diante de Deus (5,1.9), baseada na misericordiosa justiça desse próprio Deus (1,17; 3,21.25.26; 4,5; 8,33)⁵⁸. Uma vez justificado, o crente entra numa nova forma de se relacionar com Deus e com o mundo⁵⁹. Assim, o justificar prepara o glorificar⁶⁰.

Por último, o clímax da sequência⁶¹, o termo glorificar aponta para nossa herança celeste⁶². A restituição da glória de Adão já se iniciou⁶³. Embora já aqui possamos viver essa glorificação, essa vivência somente será plena após o participar do sofrimento e da morte com Cristo (Rm 8,17)⁶⁴.

Enquanto Rm 8,28-30 não faz nenhuma menção explícita do sofrimento ou morte, o contexto do argumento de Paulo (Rm 8,18.23.26), o “todas as coisas” que Deus opera para o bem (Rm 8,28) e os outros usos da linguagem de “conformidade” mostram que Rm 8,28-30 implica que sofrimento e morte são partes da conformidade à “imagem” de Jesus.⁶⁵

⁵⁴ LONGENECKER, 2016, p. 739-740.

⁵⁵ CERFAUX, 2003b, p. 405.

⁵⁶ *Idem*, 2003b, p. 435.

⁵⁷ MURRAY, 2003, p. 301.

⁵⁸ PENNA, 2013, p. 672.

⁵⁹ JEWETT, 2007, p. 530.

⁶⁰ CERFAUX, 2003b, p. 420.

⁶¹ JEWETT, 2007, p. 530.

⁶² CERFAUX, 2003b, p. 439.

⁶³ PENNA, 2013, p. 673.

⁶⁴ STEWART, 2013, p. 42.

⁶⁵ “While Rom 8:28-30 makes no explicit mention of suffering or death, the context of Paul’s argument (Rom 8:18,23,26), the “everything” that God works for good (Rom 8:28), and the other uses of “conformity” language show that Rom 8:28-30 implies suffering and death as part of conformity to the “image” of Jesus” (STEWART, 2013, p. 42, *tradução nossa*).

Começar a perícopes dizendo “sabemos” significa que o que vem após não deve ser contestado⁶⁶, mesmo que o contexto em que esse saber seja conjugado seja repleto de dificuldades ou não facilite essa compreensão. Os cristãos precisam confiar e aprender que é Cristo quem nos traz a salvação e é esta nossa segurança⁶⁷, não o empenho humano⁶⁸.

Quando, pela fé, o povo de Deus apreende este panorama que se estende desde o amor de Deus, antes dos tempos eternos, até ao grande final do processo de redenção, os sofrimentos do tempo presente são encarados em sua verdadeira perspectiva e vistos, *sub specie aeternitatis*, como meras circunstâncias da peregrinação até à glória a ser revelada e como pré-condições da mesma, uma glória tão imensa em seu valor, que as tribulações do presente não são dignas de comparação.⁶⁹

Nossa salvação completa-se ao nos transformarmos em filhos de Deus⁷⁰, recuperação da imagem perdida⁷¹. “Nossa semelhança com Deus virá de nossa participação no homem celeste. Este é verdadeiramente a imagem de Deus”⁷².

Acontece que essa salvação é vivida também na história, e ela encontra adversidades. Paulo as separa em dois grupos: as que fazem parte do mundo visível (v. 35) e a de um mundo invisível (vv. 38-39). Trataremos dessas imagens mais adiante. Precisamos agora debruçar-nos sobre o verbo *ύπερνικάω*. A conjugação desse verbo no presente apresenta uma realidade perene, tanto para Paulo e seus leitores quanto para nós. Paulo fala “de uma salvação em um sentido já revelado por Cristo e em outro sentido a ser consumada no mundo que há de vir. Em nenhuma delas há a mais leve sugestão de que o esforço humano ajude”⁷³. Aqui enfatiza-se o agora da salvação e sua vivência⁷⁴.

Embora o empenho humano não ajude na produção da salvação⁷⁵, sendo esta um dom, o homem enfrenta dificuldades que parecem torná-la ineficiente ou muito difícil em seu dia a dia. O resultado do primeiro grupo listado na perícopes de adversários dos cristãos sempre é a morte física, enquanto o segundo resulta na morte espiritual, ou seja, estar longe de Deus. Não é sem razão que o Salmo 44, 36 transmite um tom desesperançoso ao ouvinte⁷⁶. Contudo, “na batalha da vida, podemos dizer que a salvação é o ‘capacete’ (Ef 6,7), ou o capacete pode ser

⁶⁶ MURRAY, 2003, p. 341.

⁶⁷ CERFAUX, 2003b, p. 221.

⁶⁸ MORRIS, 2008, p. 1129.

⁶⁹ MURRAY, 2003, p. 349.

⁷⁰ JEWETT, 2007, p. 530.

⁷¹ CERFAUX, 2003a, p. 335.

⁷² *Idem*, 2003a, p. 336.

⁷³ MORRIS, 2008, p. 1129.

⁷⁴ *Idem*, 2008, p. 1131.

⁷⁵ *Id.*, 2008, p. 1121.

⁷⁶ STEWART, 2013, p. 26.

‘da esperança e da salvação’ (1Ts 5,8). Dos dois jeitos, a salvação é agora parte fundamental da armadura do cristão”⁷⁷. Ser salvos é o mesmo que ter um triunfo constante sobre as forças adversárias⁷⁸.

3.3 Antropologia

É perceptível que a figura humana acompanhe o centro de nossa perícopes, que é o plano salvífico de Deus. Com a exceção do versículo 38, no qual Paulo enumera outro grupo de adversários do ser humano, todos os outros possuem alguma referência àqueles que escolheram seguir a Cristo. Este é um primeiro ponto que precisamos salientar: Paulo não está falando de toda a humanidade, mas somente daqueles que abraçaram a fé cristã⁷⁹ e, agora, sentem o peso da nova vida⁸⁰.

A primeira ação do homem como sujeito é aludida pelo verbo ἀγαπάω. Jewett afirma que o homem só pode realizar essa ação em relação a Deus, como resposta a uma ação que este próprio realizou dentro do coração dos homens: a doação do Espírito Santo (Rm 5,5) e, pela revelação desse, o amor em Cristo Jesus⁸¹. Além disso, amar a Deus retoma o trecho de Dt 6,5⁸². Como veremos adiante no item sobre a eclesiologia dessa perícopes, o verbo ἀγαπάω carrega em si não somente a capacidade de se relacionar afetuosamente sem nada esperar em troca, mas inclui em si também a capacidade de escolher. A ἀγάπη não pode ser vivida sem uma escolha clara do seu objeto. Amando, Deus escolhe o ser humano⁸³, e dessa forma o ser humano escolhe a Deus. Se podemos falar de escolha, logo podemos concluir que o ser humano é livre para realizá-la ou não. Embora a salvação seja direcionada a cada pessoa e a toda humanidade⁸⁴, voltamos a repetir, ela não é uma imposição. Dessa forma, “com a fé cristã o homem é chamado e até introduzido em uma relação muito particular com Deus, feita não somente de reconhecimento a ele, mas também de comunhão com ele”⁸⁵.

Essa relação nos faz voltar algumas palavras antes do verbo ἀγαπάω, pois para esse ser humano que escolheu Deus todas as coisas cooperam para o seu bem (v. 28). Jewett afirma que

⁷⁷ MORRIS, 2008, p. 1131.

⁷⁸ *Idem*, 2008, p. 1132-1133.

⁷⁹ SEGALLA, 1992, p. 91.

⁸⁰ PENNA, 2013, p. 664.

⁸¹ JEWETT, 2007, p. 526.

⁸² PENNA, 2013, p. 665.

⁸³ CERFAUX, 2003b, p. 221.

⁸⁴ *Idem*, 2003b, p. 338.

⁸⁵ “con la fe Cristiana el hombre es llamado y hasta introducido en una relación muy particular con Dios, hecha no solo de reconocimiento hacia él, sino también de communion con él” (PENNA, 2013, p. 665, *tradução nossa*).

o pensamento paulino está consoante com o de Platão⁸⁶ e com o de Josefo⁸⁷, e ainda cita um trecho do Rabi Aqiba, dizendo que “cada coisa que o Todo Poderoso faz, ele faz para o bem”⁸⁸, a que ainda podemos acrescentar uma citação de Jesus ben Sira, apresentada por Longenecker: “todas as coisas para o piedoso são para o seu bem”⁸⁹. O verbo que possui πάντα como sujeito é συνεργέω, conjugado no presente do indicativo. Isso significa que “a formulação de Paulo implica corresponsabilidade divina e humana em face à adversidade, e no contexto da carta, o bem sendo acompanhado pela cooperação inclui o trabalho diário [...]”⁹⁰. Paulo está falando da dificuldade de enxergar o bem nas coisas cotidianas, e não somente em ocasiões particulares. Certamente podemos concluir que a afirmação não está privilegiando somente os cristãos, visto que a afirmação “os que são chamados” (v. 28) corresponde a uma ação universal, embora, como já dito, Paulo esteja se dirigindo àqueles que responderam a esse chamado. Então, os cristãos precisam fazer uma mudança de olhar para a realidade. Visto que Deus não é o sujeito de συνεργέω, e neste ponto discordamos de Penna⁹¹, mas πάντα⁹², poderíamos também concluir que Deus nada faz em favor do ser humano? Não é bem assim, como se vê nos versículos 29-30. Contudo, a preposição συν indica que πάντα realiza uma ação que se acrescenta a de outra pessoa. Visto que na sequência dos versículos serão descritas ações que têm o ser humano, em particular, os cristãos como acusativo⁹³, πάντα não está se referindo às ações de Deus como sujeito, embora se acrescente a elas. Destarte, pelo contexto da perícopie, o termo πάντα refere-se às ações descritas nos versículos 35.38-39⁹⁴. Ou seja, o cristão precisa rever sua forma de enxergar seu entorno⁹⁵, encontrando um significado positivo em situações que parecem totalmente não ter sentido⁹⁶. O homem caminha pelo ouvir agora, não mais pelo ver (2Cor 5,7). As perguntas retóricas (vv. 31-35) reafirmam a necessidade desse novo olhar, e a facilidade em respondê-las expõe que tal fato já é vivido entre os irmãos.

Outra imagem que aparece nas linhas do texto estudado é a de o chamado ser conforme à imagem de Cristo, sendo esse o propósito das ações divinas nos vv. 29-30. Já falamos disso

⁸⁶ JEWETT, 2007, p. 527.

⁸⁷ *Idem*, 2007, p. 527.

⁸⁸ “Everything that the Almighty does, He does for good” (*apud* JEWETT, 2007, p. 527, *tradução nossa*).

⁸⁹ “All things for the godly are for their good” (LONGENECKER, 2016, p. 737, *tradução nossa*)

⁹⁰ “Paul’s wording implies divine and human coresponsibility in the face of adversity, and in the context of this letter, the “good” to be accomplished by this cooperation includes the daily work [...]” (JEWETT, 2007, p. 527, *tradução nossa*).

⁹¹ PENNA, 2013, p. 665.

⁹² LONGENECKER, 2016, p. 738.

⁹³ MURRAY, 2003, p. 348.

⁹⁴ *Idem*, 2003, p. 341.

⁹⁵ LONGENECKER, 2016, p. 738.

⁹⁶ MURRAY, 2003, p. 342.

na soteriologia. Cabe ainda falar que esse processo de conformidade inicia-se no batismo⁹⁷, e toda a humanidade participa dessa sorte, mas somente torna-se concreta naqueles que optam pelo Cristo. O termo σύμμορφος (v. 29) é composto pelas palavras συν e μορφή e também aparece em Fl 3,21. O termo μορφή, “desde os textos gregos mais primitivos, [...] era usado pelo menos para expressar a maneira como uma coisa, sendo que é em si mesma, aparece para nossos sentidos”⁹⁸, ou seja, no contexto de nossa perícope, apresenta a natureza e o caráter essenciais do ser humano. A preposição συν indica que há uma relação dessa intimidade humana com algo, em nosso caso, com Cristo. Paulo deseja reassegurar aos vulneráveis e atormentados fiéis de Roma que suas vidas e o trabalho têm importância no grande plano de Deus para a restauração da criação por meio da recuperação da “filiação” ao se conformar à imagem do Cristo⁹⁹. O próprio Pai “nos constitui seus próprios filhos”¹⁰⁰.

O Apóstolo se dirige aos seus ouvintes como capazes de ler a realidade numa ótica positiva (v. 28) e mostra como as ações de Deus têm um propósito (vv. 29-30). Agora o homem aparece como aquele a quem é entregue Cristo e todas as coisas (v. 32). O termo πάντα neste contexto refere-se a toda criação¹⁰¹, mas, aumentando o seu campo semântico na perícope no tempo presente, também significa todas as coisas que acontecem ao ser humano¹⁰². Porém, há uma ambiguidade no versículo 32. A expressão “com Cristo” pode significar que num futuro receberemos com Cristo todas as coisas e que nós receberemos todas as coisas em Cristo. Explicando melhor, na primeira imagem temos Cristo ao nosso lado recebendo algo, enquanto na segunda contempla-se nós recebendo algo inseridos em Cristo¹⁰³. As duas possibilidades são verdadeiras. Que receberemos todas as coisas com Cristo é um fato futuro¹⁰⁴. Já o receber todas as coisas em Cristo é um elemento presente. Novamente, precisamos retomar o desejo de ver a realidade pelos olhos de Jesus para encontrar nela o sentido que pode construir nossa esperança.

Um último elemento que precisamos analisar é o verbo *ὑπερνικάω*. Já o fizemos do ponto de vista da cristologia como causa que possibilita a ação dessa palavra. Agora vamos voltar o olhar sobre o homem que realiza no presente o ser mais que vencedor. Como concluímos na soteriologia, também neste versículo algo que independe do esforço humano, mas depende do amor de Cristo e de Deus e é aqui a manifestação indubitável de Deus por

⁹⁷ JEWETT, 2007, p. 529.

⁹⁸ HAWTHORNE, G.F., 1983, p. 83-84 *apud* WITHERINGTON III, 2008, p. 321.

⁹⁹ JEWETT, 2007, p. 529.

¹⁰⁰ CERFAUX, 2003b, p. 333.

¹⁰¹ JEWETT, 2007, p. 538.

¹⁰² LONGENECKER, 2016, p. 755.

¹⁰³ Por “inserção” entendemos o olhar de Cristo no olhar do fiel, que está em seu Mistério Pascal, a realidade que o circunda. Essa relação será melhor explicada no item 4 deste capítulo.

¹⁰⁴ JEWETT, 2007, p. 539.

nós¹⁰⁵. O simples uso de νικάω indicaria uma vitória, mas a adição de ὑπέρ afirma que essa vitória é total¹⁰⁶ sobre o inimigo e jamais poderia ser algo possibilitado por mãos humanas¹⁰⁷. É quando o ser humano deixa-se ser amado que percebe sua força vindo de Cristo¹⁰⁸. Não é dito que Cristo ou Deus vencem, mas que o homem é vencedor graças a ele¹⁰⁹.

3.4 Eclesiologia

É nos escritos paulinos que vemos pela primeira vez o termo ἐκκλησία (1Ts 1,1) para se referir à comunidade dos cristãos¹¹⁰. Lexicalmente não há um termo com o qual possamos nos referir à eclesiologia paulina nesta perícopé, porém, há uma semântica que colabora no desenvolvimento dessa temática. A palavra ἐκκλησία é composta por dois termos ἐκ e o verbo καλέω, tornando-se “chamado a partir de dentro”¹¹¹. Destarte, aprofundaremos o ser chamado de acordo com um propósito divino (v. 28), as ações antes do chamado (pré-conhecer e predestinar) e após (justificar e glorificar). Esses últimos já foram avaliados no item 3.2. Como Paulo também se refere a si próprio e aos cristãos pelo pronome “nós”, este acaba sendo sinônimo de uma visão de grupo. Logo, caímos na ἐκκλησία e precisamos visitar as afirmações: irmãos (v. 29), escolhidos por Deus (v. 33), “estar postos à morte por causa dele” (v. 36) e “estar no amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus” (v. 39). Lembrando que a entrada da pessoa na ἐκκλησία dá-se no rito batismal¹¹².

Estar postos à morte é um trecho de uma citação *verbatim* do Salmo 44¹¹³. Penna escreve que essa única citação do Antigo Testamento da segunda seção da Carta aos Romanos não possui grande valor argumentativo¹¹⁴, e disso discordamos. Dissemos anteriormente o quanto o uso dessas linhas lança um ar desesperançoso ao ouvinte da carta. Tanto o é que Paulo apresenta a Igreja presente nesse cenário hostil por causa daquele no qual ela deposita sua fé¹¹⁵. Cranfield afirma que o uso do Salmo visa a exemplificar o sofrimento como algo comum na

¹⁰⁵ PENNA, 2013, p. 690.

¹⁰⁶ MURRAY, 2003, p. 359.

¹⁰⁷ JEWETT, 2007, p. 549.

¹⁰⁸ *Idem*, 2007, p. 550.

¹⁰⁹ PENNA, 2013, p. 690.

¹¹⁰ ALETTI, 2012, p. 33.

¹¹¹ KITTEL, FRIEDRICH, 2003, p. 312-313.

¹¹² STEWART, 2013, p. 38.

¹¹³ JEWETT, 2007, p. 548.

¹¹⁴ PENNA, 2013, p. 689.

¹¹⁵ *Idem*, 2013, p. 689.

vida dos cristãos¹¹⁶. Mas concordamos com Stewart que afirma justamente o contrário¹¹⁷. O Salmo 44 é referido pelo Talmud Babilônico como a voz dos filhos que são mortos em 2Mc 7¹¹⁸. Isso é uma tradição tardia e não reflete a teologia de cada texto, enquanto em 2Mc eles sofrem como consequência do pecado, no Sl 44 sofrem porque Deus falhou em defender o acordo¹¹⁹. Em outras palavras, o autor de 2Mc segue o esquema deuteronomico da infidelidade do homem para trabalhar o sofrimento. Já o salmista apresenta a infidelidade de Deus¹²⁰, assim, acusando-o, deseja que ele faça algo¹²¹. Sendo nossa perícopie conclusão da seção dos capítulos 5–8 de Romanos¹²², e servindo-se de uma *peroratio* para recapitular o argumento apresentado e suscitar emocionalmente um comprometimento¹²³, Paulo apresenta o sofrimento e a morte como condições necessárias¹²⁴ da vida no Espírito:

Traçando essa fórmula entre Rm 5–8 e como ela relaciona o sofrimento e a morte mostrará que a lógica da participação molda a visão de Paulo do sofrimento e glória como componentes necessários do estar “em Cristo”. Essa lógica permite a Paulo se apropriar do Sl 44 tanto como lamentação quanto celebração.¹²⁵

Lamentação, pois se trata da aflição que é vivida no tempo de Adão. Celebração, pois esse Salmo torna-se uma poderosa forma de lembrar a ressurreição de Jesus e a participação dos fiéis nessa nova vida até a parusia¹²⁶. Por causa de Cristo, somos submetidos às tribulações¹²⁷. “Paulo interpreta o sofrimento e a morte de Israel no Sl 44 como a voz da Igreja declarando sua participação na cruz do messias de Israel”¹²⁸.

Como Romanos 5–8 descreve a participação em Cristo como morte na época de Adão e vida na época de Cristo, nossa perícopie recapitula essa ideia¹²⁹. Duas vezes o apóstolo coloca como condição fundamental da participação na vida ressuscitada de Cristo o participar de sua

¹¹⁶ CRANFIELD, 1975, v. 1, p. 440 *apud* STEWART, 2013, p. 27.

¹¹⁷ STEWART, 2013, p. 29.

¹¹⁸ *Apud Idem*, 2013, p. 28

¹¹⁹ *Id.*, 2013, p. 28.

¹²⁰ *Id.*, 2013, p. 29-30.

¹²¹ *Id.*, 2013, p. 33.

¹²² JEWETT, 2007, p. 535.

¹²³ GARAVELLI, 1997, p. 102-103.

¹²⁴ STEWART, 2013, p. 35.

¹²⁵ “Tracing this formula throughout Rom 5–8 as it relates to suffering and death will show that the logic of participation shaped Paul’s view of suffering and glory as necessary components of being “in Christ”. This logic allowed Paul to appropriate Ps 44 as both lament and celebration” (STEWART, 2013, p. 35, *tradução nossa*).

¹²⁶ STEWART, 2013, p. 45.

¹²⁷ JEWETT, 2007, p. 548.

¹²⁸ “Paul interprets the suffering and death of Israel in Ps 44 as the voice of the church declaring its participation in the cross of Israel’s Messiah” (STEWART, 2013, p. 45, *tradução nossa*).

¹²⁹ STEWART, 2013, p. 40.

morte (6,5; 6,8). Percebe-se isso em Rm 8,17, concluindo o raciocínio desenvolvido entre os versículos 1-17: “pois sofreremos com (συμπάσχομεν) ele para também com ele sermos glorificados”. O papel do Espírito Santo nessa jornada é o de confirmar a participação no sofrimento e na morte de Jesus¹³⁰. A conjugação do verbo συμπάσχω no presente do indicativo afirma que essa realidade é contínua¹³¹ e que Paulo e seus leitores a vivem. Podemos deduzir que a causa desse sofrimento sejam os elementos listados nos vv. 35.38-39.

Como podem os cristãos serem postos à morte e serem ao mesmo tempo mais do que vencedores? Seguindo a lógica da participação, Deus resgata o fiel da época de Adão no batismo e isso se prolonga por toda a vida por meio do Espírito¹³². Ambos os movimentos, o de início e o de prolongamento, são a participação na morte de Cristo, ou processo de cruciformidade¹³³. Ulrich Luz o chama de “misticismo-passional paulino”¹³⁴. Contudo, preferimos nesta pesquisa a definição de cruciformidade. Assim, participando no sofrimento/morte de Cristo¹³⁵, se junta a ele na vida ressuscitada¹³⁶. Para Paulo, a participação na ressurreição de Jesus requer e muitas vezes assume a participação na cruz¹³⁷.

Os termos πάσχω e cruz estão conectados. Porém, precisamos clarificar o que biblicamente podemos entender com essas duas palavras, visto que são muito utilizadas na nossa pastoral e fora dela, podendo assimilar significados que não sejam aqueles propostos pelo texto¹³⁸. O sofrer (πάσχω) não propõe uma espera passiva diante da dificuldade que o causa, “mas leva para frente a obra de Cristo por meio do sofrimento”¹³⁹. Eloy e Silva, após apresentar uma pesquisa quantitativa do termo πάσχω e o contexto em que aparece, conclui que tal verbo nunca é utilizado para falar dos sofrimentos pessoais de Paulo, somente para os sofrimentos dos cristãos, com a exceção de 2Tm 1,12¹⁴⁰. Já nos evangelhos, esse verbo é utilizado durante a Paixão de Cristo e nos sofrimentos dos cristãos, em razão de seu amor a ele¹⁴¹. Desta forma, o sofrer compreende a realidade da vida eclesial e da vida individual no Mistério Pascal de Cristo,

¹³⁰ STEWART, 2013, p. 37.

¹³¹ *Idem*, 2013, p. 37-38.

¹³² *Id.*, 2013, p. 39.

¹³³ *Id.*, 2013, p. 36.

¹³⁴ *Apud* JEWETT, 2007, p. 548.

¹³⁵ *Idem*, 2007, p. 548.

¹³⁶ STEWART, 2013, p. 42.

¹³⁷ *Idem*, 2013, p. 43.

¹³⁸ ELOY E SILVA, 2009, p. 122-123.

¹³⁹ “[...] sino sostener, llevar delante la obra de Cristo a través del sufrimiento” (ELOY E SILVA, 2009, p. 123, *tradução nossa*).

¹⁴⁰ *Idem*, 2009, p. 123.

¹⁴¹ *Id.*, 2009, p. 123.

no qual “na dor encontra-se a cura; no sofrimento, a libertação; e na morte, a vida”¹⁴². Por conseguinte, surge o termo cruz, que não indica qualquer sofrimento, mas aquele no qual encontra-se sentido “redentor, não desejado e aceitado por amor a Cristo e sua Palavra”¹⁴³.

O próximo passo para a reflexão eclesiológica é o “estar no amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus”. A tradução pode soar dúbia no pronome relativo: é Deus ou o amor de Deus que está em Cristo Jesus? Ora, vemos que “de Deus” é uma partícula genitiva, demonstrando a origem do amor. Logo, é o “amor de Deus” que está em Cristo Jesus. No texto grego, apresentado no segundo capítulo desta redação, não há dúvidas quanto a isso. O artigo feminino τῆς, seguindo a lógica da conformidade pelo gênero da palavra, só pode retomar palavra feminina e a mais próxima a ele é ἀγάπη. Posto isso, vemos que o amor de Cristo (8,35) é a expressão do amor de Deus (8,39). E o amor que os cristãos vivem entre si é uma prolongação dessa linha de manifestação.

A vida interna dessa comunidade é construída por “irmãos” (v. 29), cujo modelo principal é o próprio Cristo¹⁴⁴. A nova família não mais delimitada pela simples relação parental é aprofundada nos evangelhos. Mas, aqui, já se percebe que desde antes da escrita desses, o cristianismo já se enxerga como uma família: somos Igreja não por uma hierarquia, mas por um estado de comunhão¹⁴⁵. Sendo assim, não importa se o outro pertence a uma comunidade diferente da minha, seja por fundação por outro apóstolo ou por localidade geográfica. Ele é meu irmão e sou responsável por ele (Gn 4,9; 37,16)¹⁴⁶. Esse é um movimento que possibilita a ajuda a Jerusalém (Gl 2,10; 1Cor 16,1-3; Rm 15,26-27).

Esses não são somente irmãos, mas também eleitos. O Apóstolo enxerga esta nova realidade da ἀγάπη como consequência do ato de amor de Deus. De acordo com Stauffer¹⁴⁷, esta certeza repousa em três fundamentos: Deus enviou seu filho primogênito, e esse ato de amor encontra seu cume na cruz com o sacrifício do Filho que nos amou; como Deus chamou o Apóstolo, também continua chamando aqueles que escolheu, a quem é dirigida a sua vontade de amor (amados, como visto no endereçamento da carta e fortalecido em nossa perícopes); a ἀγάπη de Deus foi derramada em nossos corações e é até agora a realidade fundamental da nossa existência.

¹⁴² “[...] donde en el dolor se encuentra la curación; en el sufrimiento, la liberación; en la muerte, la vida” (ELOY E SILVA, 2009, p. 124, *tradução nossa*).

¹⁴³ “Hay cruz solo cuando en nuestro sufrimiento se encuentra el elemento redentor, no buscado y aceptado por amor a Cristo y a su Palabra” (ELOY E SILVA, 2009, p. 122, *tradução nossa*).

¹⁴⁴ PENNA, 2013, p. 671.

¹⁴⁵ *Idem*, 2013, p. 671.

¹⁴⁶ *Id.*, 2013, p. 671.

¹⁴⁷ STAUFFER, 1965, p. 129-130.

O amor de Deus implica uma eleição. Por isso, Paulo começa a primeira seção da perícopes com essa temática: os que amam a Deus. Esse amor partindo do homem é resposta ao amor de Deus que o antecede. Como vimos no v. 39, o amor de Deus e o amor de Cristo são sinônimos. Tal amor não é uma realidade estática, mas dinâmica na vida dos eleitos, visando a criação do homem novo. Para tanto, faz-se necessária a colaboração do ser humano e o seu amor¹⁴⁸, pois a vontade de Deus não anula a vontade humana. Novamente, a iniciativa é divina. Contudo, não viola a liberdade do homem. Dizer que os cristãos são eleitos entra no campo semântico do amor, sendo o mesmo que dizer: são amados. Quando a pessoa percebe-se eleita? Quando acontece o chamado¹⁴⁹, a terceira ação estudada no item 3.2 deste capítulo. O povo chamado¹⁵⁰ se concretiza no momento em que Deus ama. Deus ama chamando, e chama amando.

Se a ἐκκλησία é vivida no amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, a mera “referência clara e simples do amor de Deus implica apropriadamente que a ação de amar deve estar presente na parte dos fiéis, que estão motivados pelo amor de Deus mostrado no evento Cristo”¹⁵¹.

Esta Igreja está dentro do amor de Cristo, por isso não pode ser separada. Paulo deseja não deixar dúvidas quanto a isso: nada (vv. 35-36), ninguém (vv. 38-39), pois Deus justifica (8,33), quem (8,31), ninguém, pois Jesus intercede (8,34)¹⁵². Separar tem a conotação de divórcio¹⁵³, de quebrar a relação (Mt 19,6; Mc 10,9; 1Cor 7,10; Fm 15)¹⁵⁴. Por que tocar nesse tema agora? O homem pode viver sem a Lei, mas não pode viver sem Cristo¹⁵⁵. Se Deus age em favor dos seus (vv. 28-30), se ninguém pode acusar ou condenar, uma vez que os fiéis estão ligados a Cristo (vv. 31-34), a separação é o perigo real nessa nova vida¹⁵⁶. Contudo, sofrimento e morte não podem separar o fiel desse amor, visto que, na cruz, eles ganharam um novo significado pelo qual os cristãos estão unidos a Cristo¹⁵⁷. O genitivo do amor esclarece que não é nosso amor por Cristo o assunto da separação, visto que o amor por parte do homem é frágil,

¹⁴⁸ STAUFFER, 1965, p. 132.

¹⁴⁹ PENNA, 2013, p. 672.

¹⁵⁰ BARBAGLIO, 1991, p. 255.

¹⁵¹ JEWETT, 2007, p. 526.

¹⁵² STEWART, 2013, p. 43.

¹⁵³ JEWETT, 2007, p. 543.

¹⁵⁴ STEWART, 2013, p. 43.

¹⁵⁵ PENNA, 2013, p. 687.

¹⁵⁶ STEWART, 2013, p. 44.

¹⁵⁷ *Idem*, 2013, p. 44.

bastando apenas uma quebra de relação com os irmãos ou separação da comunidade para se dissolver¹⁵⁸, mas aquele do próprio Cristo com o qual ele nos ama¹⁵⁹.

3.5 Escatologia

“A base e o ponto de partida daquilo que vem é, segundo Paulo, aquilo que já ocorreu: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo constituem o fundamento de todas as afirmações escatológicas”¹⁶⁰. Desta forma, só há razão para o apóstolo falar sobre o futuro por causa de sua experiência com Cristo, que lhe dá confiança. Sendo que Jesus foi ressuscitado, quem foi batizado também compartilha dessa realidade por ocasião da parusia¹⁶¹. Embora possamos lançar o olhar sobre a escatologia como elemento futuro, em nossa perícopé também lança-se um olhar como elemento presente, atuando em nossa história¹⁶², pois desde a ressurreição de Cristo¹⁶³ já estamos vivendo a era messiânica¹⁶⁴, embora o significado pleno somente será visto no adiante da história.

Nos versículos de 31 a 34, vemos um âmbito forense surgir com os termos “estar a favor” (v. 31), “estar contra” (v. 31), “acusar” (v. 33), “condenar” (v. 33). Semanticamente, esses termos reforçam a ideia de separação, explicada no capítulo anterior desta pesquisa. Vejamos cada item.

O apóstolo apresenta Cristo Jesus como o juiz desse processo no último dia (v. 34). “Se não houvesse o juízo, então a própria história do mundo e a própria vida de um ser humano seriam o juízo”¹⁶⁵. Nele, Cristo é o libertador e possui total autoridade celeste¹⁶⁶. Entretanto, ele não crê que a “salvação venha a todos e precisamos nos lembrar de que há passagens nas quais, por exemplo, ele coloca os que são salvos contra ‘os que se perdem’ (1Cor 1,18; 2Cor 2,15)”¹⁶⁷. Assim, o julgamento mostra-se como o momento em que “os pecadores enfrentarão a cólera de Deus. Mas há salvação definitiva para os que puseram sua confiança em Deus”¹⁶⁸. E é para esses a destinação das perguntas retóricas na perícopé, seja no tempo presente, seja no

¹⁵⁸ JEWETT, 2007, p. 543.

¹⁵⁹ PENNA, 2013, p. 687.

¹⁶⁰ SCHNELLE, 2010, p. 746.

¹⁶¹ *Idem*, 2010, p. 748.

¹⁶² *Id.*, 2010, p. 749.

¹⁶³ KREITZER, 2008, p. 470-471.

¹⁶⁴ CERFAUX, 2003b, p. 55.

¹⁶⁵ SCHNELLE, 2010, p. 755.

¹⁶⁶ MORRIS, 2008, p. 1132.

¹⁶⁷ *Idem*, 2008, p. 1132.

¹⁶⁸ *Id.*, 2008, p. 1132.

tempo futuro. Desta forma, o juízo é visto como preservador “da dignidade humana e mostra que Deus não se desviou de sua criação”¹⁶⁹.

“Deus está a nosso favor” significa que o juiz escatológico já assumiu seu lugar¹⁷⁰. Como não há antecedentes exatos no Antigo Testamento de tal afirmação, os ouvintes relembram Rm 5,5-8¹⁷¹. Ao citar Käsemann, Jewett afirma que o foco é o ato salvífico centrado na morte de Jesus, que caracteriza o fato de Deus estar a nosso favor, e não uma concepção de Deus¹⁷². A ideia de a justificação como mero perdão dos pecados individuais ser o fator desse favorecimento é muito limitada, sendo preciso trazer a participação na justiça divina, na cruciformidade, e ser conduzido pela graça sob a proteção de Deus¹⁷³. Se assim o é, a vida de Paulo, dos seus ouvintes e a nossa própria possuem um valor, um divino significado que nenhuma força contrária pode anular ou retirar, “não importando o que façam ‘contra nós’”¹⁷⁴.

Estar “contra nós”, ou seja, nos fazer mal¹⁷⁵ nos lembra os fiéis diante de forças antagonistas ou do martírio¹⁷⁶. O fato do pronome “quem” estar sem qualquer referencial acaba por esvaziar qualquer ameaça contra aqueles que são protegidos por Deus (Is 50,9)¹⁷⁷. Não quer dizer que faltem adversários¹⁷⁸ (vv. 35.38-39), mas o fato de eles não poderem prevalecer¹⁷⁹. Por causa da confiança em seu juiz, os cristãos não precisam temer outra entidade ou mesmo poderes cósmicos¹⁸⁰. Kruger relembra que o Panteon era a construção que simbolizava o medo dos romanos em desagradar outros deuses, mas a afirmação paulina reconhece a impotência dele¹⁸¹.

“Acusar” significa trazer uma culpa contra alguém¹⁸², melhor ilustrado pelas movimentações de Satan em Jó 1–2. O verbo aparece em Ex 22,8; Pr 19,5; Sb 12,12; At 19,3.40; 23,2.29; 26,2.7. Os usos em Atos são sempre em ambientes forenses¹⁸³. Nesse juízo de Rm 8, Paulo afirma não haver pessoa capaz disso. Deus não pode atuar nessa posição. Visto que está ao nosso favor, seria contraditório afirmar isso. Esse cenário se aproxima de Is 50,8, embora as

¹⁶⁹ SCHNELLE, 2010, p. 755.

¹⁷⁰ KRUGER, 2013, p. 163.

¹⁷¹ JEWETT, 2007, p. 536.

¹⁷² *Idem*, 2007, p. 536.

¹⁷³ *Id.*, 2007, p. 536.

¹⁷⁴ “no matter what they decide to do ‘against us’” (JEWETT, 2007, p. 536, *tradução nossa*).

¹⁷⁵ MURRAY, 2003, p. 351.

¹⁷⁶ JEWETT, 2007, p. 536.

¹⁷⁷ *Idem*, 2007, p. 536.

¹⁷⁸ MURRAY, 2003, p. 350.

¹⁷⁹ JEWETT, 2007, p. 536.

¹⁸⁰ KRUGER, 2013, p. 164.

¹⁸¹ *Idem*, 2013, p. 164.

¹⁸² *Id.*, 2013, p. 169.

¹⁸³ *Id.*, 2013, p. 169.

duas cenas possuam divergências: enquanto Isaías fala de um indivíduo, Paulo apresenta uma comunidade; o profeta aborda a inocência do servo, enquanto o Apóstolo afirma a graça incondicional que Deus mostra aos seus eleitos¹⁸⁴.

Quando Paulo diz “quem condenará?”, questiona se os cristãos “podem ser desqualificados da participação deles na nova forma gloriosa de soberania sobre o mundo”¹⁸⁵. Qual participação é essa? Uma vez que o verbo dessa pergunta possui como acusativo os eleitos de Deus (v. 33), o substantivo “eleito” nos remete aos que foram “chamados” no v. 30. Destarte, não é a performance, mas o *status* desses eleitos que entra em questão¹⁸⁶. Mesmo assim, não se encontra alguém capaz de anulá-lo.

Embora tenhamos dito que a ação de justificar ocorra no aoristo ativo, no v. 33 o verbo δικαιώω retorna, mas conjugado no presente ativo. Tal uso “deve indicar que a justificação é permanente, estendendo-se da vida presente ao juízo final”¹⁸⁷. Também o verbo δοξάζω, por mais que tenha aparecido no aoristo, devemos considerá-lo proléptico, “dando a certeza de sua realização”¹⁸⁸, interpretando-o como a plenitude do processo de salvação. Eis o momento da restauração da imagem de Deus para uma raça humana caída¹⁸⁹.

Enfim, a escatologia aparece como momento de coroação do ser humano e da criação em Cristo, no qual Deus seja tudo em cada coisa (1Cor 15,28)¹⁹⁰. “O propósito de Deus já assegura a vitória. Nem a própria morte, nem qualquer outro poder separam os fiéis do amor de Deus manifestado em Cristo (Rm 8,31-39)”¹⁹¹. Se dissermos que a morte é capaz, significaria dar-lhe um poder mais forte que aquele de Deus¹⁹². A ação de Deus desemboca no amor. Aliás, esse “amor de Deus conduz os cristãos desde sua longínqua predestinação até a glorificação”¹⁹³. Por isso, o futuro empregado no verbo χαρίζομαι (v. 32) diz que Deus entregará graciosamente a criação cristificada, e por criação nos referimos ao cosmos e à humanidade¹⁹⁴, para os eleitos e para o seu primogênito¹⁹⁵.

¹⁸⁴ KRUGER, 2013, p. 170-171.

¹⁸⁵ “whether the saints can be disqualified from their participation in the glorious new form of sovereignty over the world” (JEWETT, 2007, p. 539, *tradução nossa*).

¹⁸⁶ JEWETT, 2007, p. 540.

¹⁸⁷ CERFAUX, 2003b, p. 406.

¹⁸⁸ MURRAY, 2003, p. 349.

¹⁸⁹ JEWETT, 2007, p. 530.

¹⁹⁰ PENNA, 1991, p. 669.

¹⁹¹ DUNN, 2008, p. 1111.

¹⁹² PENNA, 1991, p. 669.

¹⁹³ CERFAUX, 2003b, p. 222.

¹⁹⁴ KREITZER, 2008, p. 472.

¹⁹⁵ JEWETT, 2007, p. 539.

[...] Paulo abre para pessoas de todas as nações e camadas a possibilidade de confiar no amor divino, num âmbito além das ideias tradicionais da continuidade. O tempo não é abolido, mas confiado à justiça, à bondade e à misericórdia de Deus. Nem a construção cultural-imperial do tempo no helenismo nem a destruição do tempo na catástrofe escatológica da apocalíptica judaica foram capazes de suscitar uma confiança semelhante.¹⁹⁶

3.6 Olhares hermenêuticos derivantes da leitura

Seguiremos a ordem dos temas abordados até então. Relembrando-os: cristologia, soteriologia, antropologia, eclesiologia e escatologia. A pregação de Paulo não foi “simplesmente a transmissão de informações (“conhecimento”), como se seus ouvintes fossem seres espirituais que só precisavam conhecer os fatos para que seu destino fosse assegurado. Paulo pregava para uma tomada de decisão”¹⁹⁷.

Como já foi dito, começar a falar pela cristologia é delimitar as lentes com as quais leremos a realidade que nos circunda. As compreensões cristológicas nunca são algo distante dos fiéis, mas sempre são relacionais. Assim, apresentá-lo como nossa meta significa que temos um ponto de chegada, embora o caminho até ele seja inédito para cada crente. Ao voltar o olhar para sua relação com Deus Pai, a sua filiação torna-se a nossa segurança para não caminharmos sozinhos. Quando Paulo afirma que Jesus morreu, ressuscitou e está à direita de Deus contrapõe-se à imagem adâmica, que apenas morreu (Gn 5,5), ou seja, vivemos uma nova realidade, na qual Cristo é garante de que Deus não brinca com o ser humano, como os relatos antigos dos deuses gregos narram. A morte não tem a última palavra (1Cor 15,55)! É essa a segurança que ilustra o amor de Deus por nós manifesto em Jesus: nem a morte é capaz de pôr fim a tal relação. “Os sofrimentos presentes podem ser suportados na certeza de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos e que ressuscitará também os crentes”¹⁹⁸.

Assim, a primeira tomada de decisão é a de uma nova relação em Cristo com Deus que desemboca no amor. “O amor de Deus foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5). Lembrando que na antropologia judaica coração não corresponde a sentimentos, mas a raciocínio, tomar decisões, esse amor reflete numa nova forma de leremos a realidade que nos circunda, tal como o próprio Cristo fazia. Aliás, é nessa realidade que esse amor deve ser experimentado, por isso cita a morte e ressurreição e não somente esta última ou aquela

¹⁹⁶ SCHNELLE, 2010, p. 771.

¹⁹⁷ DUNN, 2003, p. 377.

¹⁹⁸ SCHNELLE, 2010, p. 749.

primeira. No dizer de James Dunn, “sem a ressurreição, a cruz seria um motivo de desespero. Sem a cruz, a ressurreição seria uma fuga da realidade”¹⁹⁹.

Essa nova realidade não é fruto apenas do homem, mas de uma iniciativa divina expressa na soteriologia²⁰⁰. Como afirmamos, Deus pré-conhece e predestina cada ser humano até o ato de chamar. É necessária a resposta, seja afirmativa ou negativa, do ser humano, visto que Deus respeita a liberdade e não deseja se relacionar com ou contar com escravos²⁰¹. Uma vez aceitando esse dom, Deus continua a justificação e a glorificação desse ser humano, tornando-o imagem de seu Filho.

Destarte, a segunda tomada de decisão apresentada pela soteriologia é a eficácia das ações divinas em favor do ser humano. Relembrando os relatos do êxodo do Egito, o povo sai animado e com braços erguidos, carregando tesouros dados pelos egípcios como sinal de sua vitória (Ex 12,35-36). Entretanto, por mais que Deus evitasse a primeira dificuldade (Ex 13,17-18), ela logo chega à porta do povo de Israel e isso faz com que o Deus que nos libertara se transforme naquele que nos engana (Ex 14,10-12). Tal exemplo transmite bem a dificuldade de acreditar nas ações divinas em nosso favor diante dos fatos que acontecem ao nosso redor e podem nos atingir. Certamente, o “não temais” de Moisés (Ex 14,13) é sinônimo de “se Deus está a nosso favor, quem está contra nós?” de Paulo (Rm 8,31).

A antropologia apresenta o homem como objeto do amor de Deus, mas que sofre forças “contrárias” para responder a esse amor. Mesmo assim, o apóstolo convida a um novo olhar e a ver que tudo trabalha para o bem de quem ama a Deus. Por isso, o ser humano encontra-se num processo de conformação à imagem de Cristo, não se trata, porém, de uma usurpação cristológica da identidade da pessoa humana. Pelo contrário! Paulo apresenta a aproximação a Cristo como método eficaz de o ser humano manifestar o que ele é em si! Eis o nosso ser mais que vencedores.

Nessa linha, a terceira tomada de decisão que nossa perícopé pede é a de o fiel tornar-se ator principal de sua história, sendo capaz de responder e de encontrar-se em Cristo, relendo com outro olhar sua história e seu contexto. “Paulo desafia os seres humanos a aceitar a ideia de ancorar-se em Deus para serem verdadeiramente eles mesmos e livres”²⁰². E onde entra o amor nessa antropologia? Não encontraríamos palavras melhores que as de Schnelle, ao relacionar o amor com a liberdade:

¹⁹⁹ DUNN, 2003, p. 281.

²⁰⁰ MURPHY-O’CONNOR, 2004, p. 338.

²⁰¹ O termo é utilizado no sentido de alguém que apenas obedece ao que lhe é mandado, não tem vontade ou desejo próprios. Não confundir com o adjetivo que certos grupos ou movimentos utilizam a seus seguidores.

²⁰² SCHNELLE, 2010, p. 778.

O amor é a normatividade da liberdade. O ser humano, libertado e colocado por Deus no espaço da liberdade, age segundo o paradigma do amor. O amor reconhece na outra pessoa uma criatura de Deus e orienta-se por aquilo que os seres humanos e o mundo precisam. A liberdade não consiste na possibilidade de escolher, mas no agir de acordo com o amor. O amor não é uma restrição da liberdade humana, mas sua realização consequente. Dessa maneira, dentro da imagem cristã do ser humano, o amor torna-se o princípio interpretativo crítico pelo qual toda atuação deve se orientar e que avalia toda atuação.²⁰³

O olhar eclesiológico sobre a perícope recuperou algumas informações sobre a origem da palavra no grego (o chamado a partir de dentro), como os seus membros são chamados entre si (irmãos) e uma realidade que se bifurca em sua interpretação: ao mesmo tempo em que estamos postos à morte, estamos no amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus.

Após observamos a antropologia, a eclesiologia relembra que não caminhamos sozinhos. Embora já tenhamos certeza do auxílio divino constantemente em nosso favor, tanto a alegria quanto a tristeza, mesmo que sejam vivenciadas particularmente, possuem uma dimensão comunitária entre os irmãos. Paulo poderia ter usado “santos” para se referir aos cristãos (1Cor 1,2; Fl 1,1) ou mesmo “eleitos” (Rm 8,33), mas a palavra “irmão” retoma duas realidades: a de termos um mesmo pai (Deus)²⁰⁴ e de sermos responsáveis um pelo outro²⁰⁵ (Gn 37,16). O outro não é mais meu inimigo, pois temos algo que nos une: a mesma experiência do Espírito²⁰⁶. Assim, as adversidades que afetam a um, também se refletem no outro. “A comunidade sabe-se chamada para uma atuação determinada pelo amor, que encontra sua expressão visível na união e comunhão dos crentes e batizados”²⁰⁷.

Ainda sobre a eclesiologia, esta Igreja percebe-se como ancorada no amor de Deus. Esta é a dimensão que lhe dá força e coragem para ir adiante²⁰⁸. Ao seguir o seu norte, o próprio Cristo, ela vive a dificuldade de testemunhar seu próprio Senhor e o valor da nova vida. “Paulo entende seus sofrimentos como um elemento imediato de sua missão apostólica e os vê numa estreita relação com os sofrimentos de Cristo”²⁰⁹. Ao relacioná-los com Jesus, os sofrimentos deixam de ser elementos apassivadores para se tornarem cruciformes. Ou seja, mesmo quando Deus não está por detrás de determinadas ações, aquele momento pode se tornar iluminador²¹⁰. Assim, tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus.

²⁰³ *Idem*, 2010, p. 778.

²⁰⁴ PENNA, 1991, p. 660.

²⁰⁵ DUNN, 2003, p. 743.

²⁰⁶ *Idem*, 2003, p. 634.

²⁰⁷ SCHNELLE, 2010, p. 732.

²⁰⁸ DUNN, 2003, p. 459.

²⁰⁹ SCHNELLE, 2010, p. 734.

²¹⁰ DUNN, 2003, p. 549.

Acerca da escatologia, os elementos “estar a favor” (v. 31), “estar contra” (v. 31), “acusar” (v. 33), “condenar” (v. 33) apresentam uma possível dissolução entre o fiel e Deus por causa de todas as coisas adversárias ao ser humano. Jamais vista por Paulo como separação, a escatologia é o momento de plenificação do ser humano e da criação. Talvez a morte pudesse ser vista como elemento máximo de separação. Contudo, nem ela é capaz de tal feito. Ela pode terminar “meu relacionamento comigo mesmo e com as outras pessoas, mas não a relação de Deus comigo”²¹¹. Destarte, a vida escatológica é um estar constantemente com o Senhor²¹².

Conclusão

Cristo é a chave que nos abre à compreensão de toda a realidade. Por isso, Ele é a meta de todo cristão que não pode ser perdida de vista. Cristo é apresentado em relação com Deus Pai, sendo seu Filho e sendo enviado a nós. Todo o Mistério Pascal apresenta ao ser humano a grandeza do amor que Deus deseja viver conosco. Além disso, a ressurreição é a grande manifestação de que nossa vida tem sentido. Não fomos feitos para a morte! Igualmente, essa experiência ilustra que quando Deus entra numa situação equívoca, de pecado, tal realidade é transformada e torna-se em realidade de vida. O exemplo bíblico da relação entre Davi e Betsabeia pode nos ajudar, pois ela começa de forma totalmente repreensível, mas é dela que nascerá Salomão, que conduzirá o povo após a morte de seu pai (2Sm 11–12). Como já citamos, a ressurreição é o elemento primordial da ação de Deus que tira da morte a vida. Deus tira-nos da morte não por nossa alma ser imortal em sua natureza, isso seria neoplatonismo, mas por ele não poder se esquecer daquilo que ele cria para ser imagem de seu Filho e objeto de seu amor. É esse amor que vence a morte na ressurreição de Cristo. Por isso, Jesus é a nossa meta e nossa garantia de que Deus não nos engana, não nos leva a morrer no deserto.

Sendo assim, Deus realiza na história movimentos para conduzir a história com a participação do ser humano. A salvação é ofertada a todos, mas somente aqueles que respondem afirmativamente a esse chamado podem começar a viver aqui o que futuramente será pleno. A certeza de viver essa soteriologia possibilita uma força para enfrentar as adversidades que surgem no nosso dia a dia. Destarte, nossa glorificação se consuma na realidade plena de filhos de Deus, tal como Jesus o é, e isso já é força performativa em nós mesmos e na realidade onde nos encontramos.

²¹¹ SCHNELLE, 2010, p. 771.

²¹² PENNA, 1991, p. 668.

Esse ser humano chamado é livre para responder ou não esse chamado. Deus não se relaciona com escravos! Precisamos fazer um esclarecimento a esse termo. Por escravo, não estamos falando de pessoas que têm sua liberdade privada por outra pessoa, pois destes Deus também deseja estar próximo, mas ele não permite que a relação que esse escravo vive com seu patrão seja transferida ao relacionamento com Deus. Por isso, o cristianismo adota o termo servos, embora prefira o termo filhos. Uma vez que, em seu livre arbítrio, o ser humano responde afirmativamente, logo percebe-se amado, e assim o é em dois sentidos: pelo Mistério Pascal de Cristo e pelas ações históricas que Deus faz para alcançá-lo (pré-conhecer e predestinar). Assim, responder igualmente significa confiar nesse Deus. E a conversão mostra-se como deixar-se encontrar por um Deus que há muito nos procura. Dentro dessa realidade experienciada no ágape, o ser humano percebe que Deus pode não estar por detrás de algumas dificuldades ou forças adversárias vividas em sua vida concreta. O fato de o homem ser objeto do verbo ἀγαπάω e estar numa realidade de ἀγάπη impele-o a encontrar um sentido naquele sofrimento que o fortalecerá em seu combate, tornando-o mais que vencedor.

A própria palavra eclesiologia traz em sua origem a noção de chamado. Chamar e amar são ações sinônimas. O ser humano que responde afirmativamente entra na comunidade de irmãos e irmãs de Cristo e em Cristo. Acontece que esta Igreja está em constante estado de sofrimento por causa de sua escolha em seguir Jesus, parecendo aos olhos externos que ela é uma congregação de pessoas fracas e sem valor. A citação do Salmo 44 é o grito de vitória desse povo ao declarar a participação na cruz do messias, processo conhecido como cruciformidade. Sendo um corpo unido, o processo de cruciformidade é vivido em todas as igrejas. Assim, a necessidade que uma comunidade sente, por qualquer motivo que seja, a outra comunidade também deve se solidarizar e torna sua essa dificuldade, ajudando como for possível.

A escatologia, seja vista como presente ou como futuro, é o momento da plenificação do homem e da criação. No presente, as perguntas retóricas afirmam que há a possibilidade de o cristão sair do amor de Cristo, embora a recíproca não seja verdadeira e isso possibilita a oportunidade do arrependimento. Já no futuro, os eleitos/amados de Deus percebem que sua constante busca de vivência cruciforme pessoal, comunitária e em seu contexto vital confirma o processo de restauração da imagem filial em si próprios. A vida humana tem sentido!

CONCLUSÃO

Parece-nos que o capítulo anterior serve como uma conclusão acerca dos temas tratados nesta dissertação (cristologia, soteriologia, antropologia, eclesiologia e escatologia), assim, tomamos a liberdade de não os retomar nesta conclusão geral do trabalho. Gostaríamos de nos ater ao que tratamos na Introdução: a pertinência desta pesquisa para as dificuldades que os cristãos enfrentam.

Bento XVI, em sua encíclica *Deus Caritas Est*, recorda que o início do ser cristão não é “uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE, n. 1). Não se fala de um encontro ou estudo de um livro ou de dogmas/catecismos. Ao início, há uma pessoa que está defronte de outra, e é um encontro recíproco. Deus possibilita ao ser humano o que Bento XVI escreveu acima, enquanto o homem possibilita à divindade uma forma única e irrepetível de dar testemunho sobre ela em seu contexto e tempo. Assim, nas palavras de Francisco, em sua recente exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, afirma:

Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra sem a conceber como um caminho de santidade, porque “a vontade de Deus é que sejais santos” (1Ts 4,3). Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho. (GE, n. 19).

E, numa ótica paulina, complementa:

Esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir dele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. (GE, n. 20).

Por isso, a primeira contribuição desta pesquisa, que poderia ser retirada de toda e qualquer obra neotestamentária, é que “Cristo tornou-se a chave para entender o desígnio de Deus para a humanidade e, na verdade, para entender o próprio Deus”¹. Ou seja, àqueles que estão passando por quaisquer dificuldades, o convite é o de olhar aquele que lhes deu um novo olhar e sentido para prosseguir. Esse movimento é necessário, pois a adversidade que é encontrada para anular esse seguimento pode retirar a esperança de nossa caminhada e, assim, perde-se o vigor e o significado das escolhas, até então. Certamente o apóstolo Paulo pode ter

¹ DUNN, 2003, p. 223.

enfrentado diversas vezes e de diversas formas essa experiência. Mas o fato de ter se encontrado com uma pessoa, e não com uma ideologia ou lenda, lhe assegurava uma direção a percorrer.

Aliás, como segunda contribuição desta dissertação, observa-se que Cristo não se apresenta como mero fundador de um movimento, mas como constante companheiro de seus membros, tornando-se a outra face deles². Quando, em nossa perícopes, Jesus é chamado de nosso “irmão” (8,29), essa proximidade relacional é assegurada e nele o que vivemos encontra nova hermenêutica.

Deus possui uma meta para todos nós: sermos conformes seu Filho (Rm 8,29), processo que começa desde antes de nossa percepção sobre ele, complementa-se com nossa resposta afirmativa e em toda nossa caminhada, concluindo-se na parusia. Porém, nem tudo pode ser visto como algo que Deus está por detrás. Eis nossa terceira contribuição: embora o contexto ao redor seja desfavorável, fruto de uma má liberdade que tem a humanidade como sujeito, ao vivê-la com as lentes da experiência com Deus, também essa realidade pode servir para o nosso bem. Logicamente, numa vivência em terras onde vive-se a situação bélica, por exemplo, não se afirma o masoquismo como resposta para suportar esse contexto. O cristão não pode ser aquele que constantemente procura essas situações de dor para se sentir acompanhado/amado por Deus. Assumindo a atitude de escuta, ele encontra um novo caminho que se abre pelo “mar Vermelho”.

A quarta contribuição parte da visão eclesiológica aqui apresentada, confirmando que a Igreja universal deve ajudar aquela local, seja em forma material (dinheiro, roupas, medicamentos etc.), espiritual (orações, por exemplo) e social (denunciando as causas daquela situação), além de se comprometer na resolução daquele problema. Atualmente, acompanhamos a situação da Síria, novamente uma situação bélica. Não é pelo fato de ali haver uma pequena população católica romana que desviamos o olhar daquela realidade. Aliás, nem pela razão de ali haver cristãos é o motivo de nossa ajuda, e aqui ampliamos o pensamento paulino. Onde houver ser humano, ali o auxílio precisa chegar. Afinal, as ações divinas apresentadas em Rm 8,29-30 são para todo ser humano.

Enfim, Paulo motiva a comunidade romana, a nós e a si próprio a não deixar a certeza de sermos “mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (Rm 8,37) se esvaír de nosso horizonte. Do contrário, nosso anúncio perde sua dinamicidade. Este tem sido um convite recorrente do papa Francisco em várias ocasiões³. Desta forma, concluir os temas desenvolvidos

² PENNA, 1991, p. 663.

³ Na JMJ 2013, disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2013-07-24/nao-deixem-que-os-roubem-a-esperanca-diz-papa-aos-jovens-em-hospital-no-rio.html>>, acesso em 10 jun. 2018. Na crise das FARC na

entre os capítulos 5–8 sobre a vida nova em Cristo com a perícopes objeto de nosso estudo é trazer esse dom para nossa realidade, mostrando a concretude do seguimento de Cristo em meio às adversidades, vivendo-as não como ovelhas destinadas ao matadouro, mas como portadores de uma vitória que transforma tudo o que toca de realidade negativa em positiva. Assim, tudo cooperará para o nosso bem.

Colômbia, disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/papa-francisco-pede-que-colombia-no-caminho-na-paz-nao-perca-a-esperanca.ghtml>>, acesso em 10 jun. 2018. Até foi tema de uma de suas catequeses, disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160914_udienza-generale.html>, acesso em 10 jun. 2018.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.
- ALETTI, Jean-Noël. *La lettera ai Romani: chiavi di lettura*. Roma: Borla, 2011.
- ALETTI, Jean-Noël. *Eclesiología de las cartas de san Pablo*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012.
- ALETTI, Jean-Noël. *Justification by faith in the letters of Saint Paul keys to interpretation*. Roma: Gregorian Biblical Press, 2015. p. 101-103. (Analecta Biblica Studia)
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 115-350. (Bíblica Loyola, 5)
- BARCLAY, John. *Grazia e Salvezza in Galati e Romani*. Seminario di aggiornamento per studiosi e docenti di S. Scrittura: “L’epistolario paolino: lettere ai Galati e ai Romani”. Roma, Pontificio Istituto Biblico, 24 jan. 2017. 8p.
- BARTH, Karl. *Carta a los Romanos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2006. Também disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em 10 jun. 2018.
- CERFAUX, Lucien. *Cristo na teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica; Paulus, 2003a.
- . *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica; Paulus, 2003b.
- CRANFIELD, Charles E. B. *The Epistle to the Romans 1-8: Volume 1*. Edinburgh: T. & T. Clark Limited, 1980. (The International Critical Commentary)
- DELLING, G. ἀρχή. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. V. I. Michigan: Grand Rapids, 1977. p. 476-490.
- DUNN, James D. G. *Romans 1-8*. Dallas: Word Books, 1988. (World Biblical Commentary)

DUNN. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

———. Romanos, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p. 1094-1115.

DUQUE, Saúl Nicolás. Análisis retórico literario Rm 8,31-39: “En el tribunal divino somos más que vencedores” (Parte I). *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 36, n. 86, p. 385-405, dez. 2009.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 2015.

ELOY E SILVA, Luís Henrique. Pablo, apóstol por la gracia y de la gracia, testigo del Misterio Pascual de Cristo. *La Revista Católica*, Chile, año 109, n. 1162, p. 116-126, abr.-jun./2009.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.

FORBES, John. *Analytical commentary on the Epistle to the Romans*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1868.

GARAVELLI, Bice Mortara. *Manuale di Retorica*. S.l.: Bompiani, 1997.

GIENIUSZ, Andrzej. *Romans 8:18-30: Suffering does not thwart the future glory*. Atlanta: Scholar Press, 1999. (International Studies in Formative Christianity and Judaism)

HULTGREN, Arland J. *Paul's letter to the romans: a commentary*. Cambridge: Grand Rapids, 2011.

JEWETT, Robert. *Romans: a commentary. Hermeneia – a critical and historical commentary on the Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Comp., 1990.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Compendio del diccionario teológico del Nuovo Testamento*. Colombia: Libros Desafío, 2003.

KREITZER, L. J. Escatologia. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p. 458-479.

KRUGER, Brent. *If God is for us: A Study of Pauline Theodicy in Rom 8:18-39*. Washington: Catholic University of America, 2013.

LARD, Moses E. *Commentary on Paul's Letter to Romans: with a revised Greek text compiled from the recent authors and a new translation*. Lexington: Transylvania Printing and Publishing Company, 1875.

LONGENECKER, Richard N. *The Epistle to the Romans: a commentary on the Greek text*. Cambridge: Grand Rapids, 2016. p. 736-761. (The New International Greek Testament Commentary)

MAARTENS, P. J. The vindication of the righteous in Romans 8: 31-39: Inference and relevance. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, South Africa, v. 51, n. 4, p. 1046-1087, 1995.

MACARTHUR, John. *Comentario MacArthur del Nuevo Testamento: Romanos 1-8*. Michigan: Editorial Portavoz, 2002.

MATERA, Frank J. *Romans*. Michigan: Baker Academic, 2010. (Paideia: Commentaries on the New Testament)

MEAD, Charles Marsh. *Romans Dissected: a critical analysis of the epistle to the romans*. Edinburgh: T. & T. Clark; New York: Charles Scribner's Sons, 1891.

MILLOS, Samuel Pérez. *Romanos: Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona: Editorial Clie, 2011. p. 652-665.

MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Comp., 1996.

MORRIS, L. Salvação. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p. 1127-1133.

MURRAY, John. *The Epistle to the Romans*. V. I. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993. (The New International Commentary on the New Testament)

———. *Romanos*. São José dos Campos: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 2003. p. 301-362.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 327-374.

NOVO TESTAMENTO GREGO, O. Quarta edição revista e ampliada com introdução em português e dicionário grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

NYGREN, Anders. *Commentary on Romans*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

OSBORNE, Grant R. *Romans*. Illinois: InterVarsity Press, 2004. (The IVP New Testament commentary series)

PARRY, John. *The epistle of Paul the apostle to the Romans*. Cambridge: Cambridge Press, 1921.

PENNA, Romano. *L'Apostolo Paolo: studi di esegesi e teologia*. Milão: Edizioni Paoline, 1991.

———. *Carta a los romanos: Introducción, versión y comentario*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2013.

PESCE, Mauro. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996. (Bíblica Loyola, 20)

PITTA, Antonio. *Retorica epistolare in Romani: bilanci e prospettive*. Seminario di aggiornamento per studiosi e docenti di S. Scrittura: "L'epistolario paolino: lettere ai Galati e ai Romani". Roma, Pontificio Istituto Biblico, 27 jan 2017. 14p.

SANDAY, William; HEADLAM, Arthur C. *A critical and exegetical commentary on the epistle to the romans*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1902. (International Critical Commentary)

SANTAMARÍA, Xavier Alegre. *Carta a los Romanos*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012. p. 237-245. (Guías de lectura del Nuevo Testamento)

SCHLIER, Heinrich. *La lettera ai Romani*. Brescia: Paideia Editrice, 1982. (Comentario Teologico del Nuovo Testamento, 6)

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2010.

SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1992.

STAUFFER, E. ἀγαπάω. In: KITTEL, Gerhard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. I. Brescia: Paideia, 1965. p. 58-146.

STEWART, Tyler A. The cry of victory: a cruciform reading of Psalm 44:22 in Romans 8:36. *Journal for the study of Paul and his letters*, v. 3, n. 1, p. 25-46, Spring, 2013.

SWETNAM, James. *Gramática do grego do Novo Testamento*. v. I: Lições. São Paulo: Paulus, 2011.

THIELMAN, Frank. The Story of Israel and the Theology of Romans 5-8. In: HAY, David; JOHNSON, Elizabeth. *Pauline Theology: III Romans*. Minneapolis: Fortress Press, 1991. p. 169-195.

WAETJEN, Herman C. *The Letter to the Romans: salvation as justice and the deconstruction of law*. Sheffield: Sheffield Phoenix, 2011. p. 213-226. (New Testament Monographs)

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7ª edição revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WILCKENS, Ulrich. *La carta a los Romanos: Rm 8–16*, v. II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1992.

WITHERINGTON III, B. Cristologia. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p. 313-332.

ZIEGLER, Philip G. The love of God is a sovereign thing: the witness of Romans 8:31-39 and the Royal Office of Jesus Christ. In: GAVENTA, Beverly Roberts (Ed.). *Apocalyptic Paul: Cosmos and Anthropos in Romans 5–8*. Texas: Baylor University Press, 2013. p. 111-130.